

REVISTA



PALETA

nº 8 - ano III - Outubro 2023



AMIGOS DA PINACOTECA

Diretor Executivo

Iaperi Soares de Araújo

Diretor Administrativo Financeiro

Emanoel Ferreira

Diretor Técnico

Antônio Marques e Carvalho Júnior

Secretária Executiva

Maria Geruza Soares Câmara

Contador

Ramires Martins de Sousa

Editor da Revista Paleta

Alfredo Neves

Assessoria de Imprensa

Sérgio Lima

Conselho Fiscal

. Emanuel Ferreira do Nascimento

. Daniel Melo de Lima Martins

. Rosa Maria da Costa

. Felipe Fernando N. M. Nascimento

. Cláudio Marques Alves

Conselho Editorial

Isaura Amélia

Manoel Onofre Neto

Dione Caldas

Maria Geruza Soares Câmara

Vicente Vitoriano

Alex Gurgel

Adriano Caldas

Thiago Gonzaga

Cláudio Damasceno

Diagramação

Edilson Martins

*O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos autores

Sumário

Editorial.....	03
Obras de arte são sinais de pontuação	
Oscar D'Ambrosio.....	04
Dorian Lima: Um herói da resistência	
Thiago Gonzaga.....	06
Tania de Maya Pedrosa na história das artes visuais brasileiras	
Marinilda Boulay.....	09
A procissão de Corpus Christi (Tantum ergo sacramentum)	
Márcio de Lima Dantas.....	12
A Arte Naif de Nilson	
Alfredo Neves.....	14
A quem pertence o legado dos Santos Mártires do Rio Grande do Norte?	
Francisco Galvão.....	18
Clementino Monteiro de Faria: Um Nome do Sertão Velho	
Walclei de Araújo Azevedo.....	20
Viagem mnemônica à infância do artista: I - Dentro de casa	
Vicente Vitoriano.....	22
James Joyce: Música de Câmara	
Adriano Gray.....	25
Raul de Natal – I	
Isaura Rosado.....	28
Heitor dos Prazeres – NAIF	
Jacqueline A Finkelstein.....	30
Uma curiosa mesa redonda	
Carlos Alberto Josué Costa.....	32
Mostra Internacional Totem das Cores	
Exposição Fotográfica "Da Brisa à Caatinga"	
Alex Gurgel.....	38
O cangaço vira arte	
Iaperi Araújo.....	40
NAVEGANTES Espaço Literário	
Adriano Caldas.....	42
Exposição Chão dos Simples	
Manoel Onofre Neto.....	44

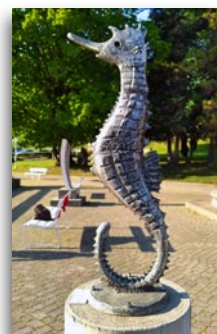
SOBRE O ARTISTA DA CAPA

Fábio di Ojuara, nascido em Natal/RN no ano de 1958, fez escola de arte em 1975 no Recife com os artistas Corbiniano Lins (escultura), Jacques Wayner (pintura e desenho), Paulo Bruscky (arte contemporânea), e em Natal com Falves Silva (arte postal e poesia visual), primeira exposição individual em Natal na antiga galeria Câmara Cascudo, participação em várias colaterais na bienal de Veneza/Itália, performances poéticas no dia da poesia em Natal, exposições nas cidades: klagenfurt, Gmünd, Spittal an der drau, (Áustria) Cibiana di Cadore, Pieve di Cadore, (Itália).

Reside atualmente em Ceará-Mirim/RN. Contatos: fabiodiojuara60@gmail.com
84 992246226



Mãe Preta Iemanjá, em concreto armado medindo 4 mts de altura instalada na praia de Jacumã em Ceará-Mirim, confeccionada pelo artista Fábio di Ojuara no ano de 2019.



O cavalo marinho "Dudu", confeccionado em alumínio pelo artista Fábio di Ojuara instalado no lago Millstätter no Estado da Caríntia/Áustria desde 2014.

Editorial

Esta edição de No 8 da Revista Paleta, mais uma vez viemos consolidar este meio de divulgação do que há de melhor no que se refere às artes no Brasil e no RN. Da arte Naïf, passando pelo figurativismo, ao modernismo, ao regionalismo, a fotografia, a poesia, a literatura e de tudo um pouquinho para enriquecer a nossa cultura.

Consolidada está a Paleta, sem fugir do seu objetivo principal, que é o de informar e formar conteúdo, principalmente sobre as artes. Num mundo tão conturbado e perturbador, o que nos sobra é a pena, a máquina datilografada (sim, alguns ainda utilização e velha e saudosa datilografia para enviar os seus artigos), bem como smartphones e computadores.

Muitas exposições aconteceram nos últimos dias, e em nossas páginas divulgamos os resultados e a magnífica e resistente ação dos curadores e os seus intrépidos artistas para tornar este mundo mais suave e belo.

Que nas próximas paletas tenhamos mais disto e que a arte continue.

Os amigos da Pinacoteca são excepcionais. Na capa e contracapa desta edição, para alternar um pouco, uma escultura do brilhante Fábio di Ojuara, e assim vamos divulgando um por um a cada edição, na próxima teremos outro escultor, e nas edições seguintes o revezamento entre artistas vários desta confraria maravilhosa.

No mais, até breve e boa leitura para todos!

Alfredo Neves



Oscar D'Ambrosio

@oscardambrosioinsta)

Pós-Doutor e Doutor em Educação, Arte e História da Cultura, Mestre em Artes Visuais, jornalista, crítico de arte e curador

Obras de arte são sinais de pontuação

Obras de arte são sinais de pontuação. Cada um indica uma maneira de se relacionar com significados denotativos, ou seja, sentidos literais, e significações, vale dizer, conotações plenas de metáforas, que formam alegorias.

Os sinais de pontuação contribuem para dar coerência e coesão aos textos. Desempenham ainda funções estilísticas. São eles: o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, o ponto de exclamação, o ponto de interrogação, as reticências, as aspas, os parênteses e o travessão.

O ponto indica o final de um período. Ocorre quando uma obra se fecha em si mesma. Declara uma verdade e não deixa es-



paço para a imaginação. A vírgula indica uma pausa. Muda o significado quando usada de modo incorreto. Ocorre nos trabalhos visuais em que cada detalhe é fundamental para a compreensão do todo.

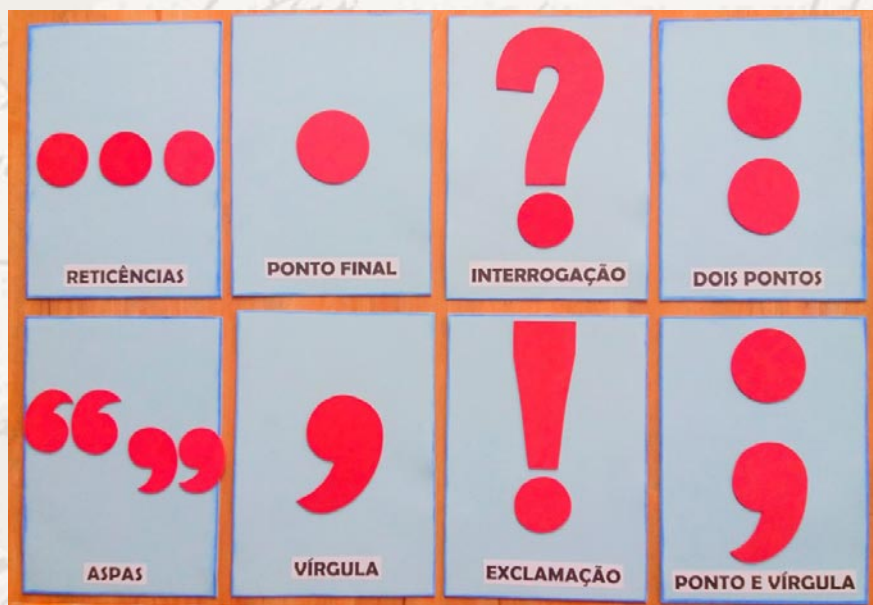
O ponto e vírgula separa orações e costuma gerar confusão, porque representa uma pausa mais longa que a vírgula e mais breve que o ponto. Criações com essa característica estão em um lugar privilegiado: o da dúvida e da incerteza, instaurando mistérios.

Os dois pontos introduzem uma fala ou enumeração. São obras que apontam para fora

de si e despertam pouco interesse. Já o ponto de exclamação indica sentimentos como surpresa, desejo, susto, entusiasmo ou espanto. Provocam adoração ou rejeição, mas não passam despercebidos.

O ponto de interrogação faz perguntas. É a obra que questiona tudo o que existe. Sua complementação são as reticências, que suprimem trechos ou indicam que os sentidos vão além do que está expresso. Já as aspas delimitam citações. Isso ocorre quando um trabalho não se basta em si mesmo e precisa do apoio em outro.

Os parênteses isolam explicações ou



acrescentam informações. Também revelam que o trabalho não se basta. O travessão, por seu turno, indica diálogos e substitui parênteses ou dupla vírgulas. É um curinga. Pode ser um soco no estômago, um intervalo no cotidiano ou uma ampliação de significados originais.

Assim, cada sinal de pontuação é, em si mesmo, um trabalho artístico. Pode indicar como cada pessoa se relaciona com ele, seja pela maneira como os cria ou analisa.



Thiago Gonzaga

Doutorando em Literatura Comparada (UFRN), mestre em estudos da linguagem (UFRN) e especialista em literatura e cultura do RN (UFRN).



Dorian Lima:

Um herói da resistência

Talvez eu seja um dos mais recentes amigos que Dorian Lima teve, porém isso não retira de mim a dor que senti ao saber de seu falecimento precoce, no dia 21 de junho de 2023, uma manhã, quando o editor Ivan Junior me comunicou, estremecido, tal fato.

Conheci Dorian Lima em 2013, graças à mediação da Produtora Cultural, Raquel Lucena e a nossa amizade foi crescendo com o passar dos dias, graças também ao contato de colegas em comum, como José Aglio, Christian Vasconcelos e Marcel Matias, professor de Dorian na IFRN, no curso de Produção Cultural.

Dorian e eu organizamos alguns projetos, bem sucedidos, como, por exemplo, a *Caravana de Escritores Potiguares*, trabalho que nos possibilitou viajar diversas vezes juntos pelo Estado; outro projeto que fizemos, para reforma da *Academia Norte-rio-grandense de Letras*, além de outro, para editoração da *Revista da Academia Norte Rio-grandense de Letras*. Tínhamos vários em planejamento, como um box dos romances publicados pelo escritor Antonio de Souza (Polycarpo Feitosa), e mais recentemente estávamos organizando um trabalho em homenagem a outro grande amigo de Dorian, Dácio Galvão.

Por esses motivos nos encontrávamos quase toda semana, lá na Academia de Letras, seja para discutir projetos novos, ou apenas para “pôr as conversas em dia”. Dorian com sua maneira “alternativa”, sempre com um jeito irônico e poético, de encarar a vida, desapegado de bens materiais, por exemplo, começou a usar celular recentemente, por insistência de amigos

próximos. Sempre o enxerguei como uma espécie de Diógenes, o filósofo do barril, dos dias atuais; ele encarava a vida com muita simplicidade e desapego. Extremamente crítico do governo federal anterior, e de qualquer governo ditatorial, Dorian possuía muita consciência política e sabia usar a cultura como instrumento de militância para mudanças sociais.

De vez em quando eu indagava pelos seus poemas (Dorian chegou a publicar dois livrinhos e participar de coletâneas de poemas marginais, nos anos 80, até está incluso na obra de Jota Medeiros, *Geração Alternativa* (1997), trabalho que faz um balanço da poesia marginal do RN, nos anos 70 e 80), mas ele mudava logo de assunto e falava das produções que andava fazendo para outros artistas, um livro para um poeta, uma exposição para um artista, um Cd para um músico...

Em 2022, Dorian Lima publicou na Revista da Academia, um artigo sobre as origens do cinema no Rio Grande do Norte, trecho do seu TCC, do curso de Produção Cultural, do IFRN. Em plena pandemia me confessou algo que comemorei orgulhoso dele: comprou uma casa para sua família. Ele tinha o maior carinho pela esposa, doutora em educação, e os filhos, todos na universidade.

Sempre se despedia de mim dizendo que ia se encontrar com Dácio, ou com sua companheira de trabalho, Raquel Lucena, ou até mesmo que estava indo para o Beco da Lama, sua segunda casa, seu escritório de reuniões sobre cultura. No nosso último contato, na sexta, antes dele adoecer, fizemos uma foto, lá na Capitania das Artes, (eu, ele, Dácio Galvão, Manoel Onofre Jr. e Abimael Silva), ele, todo empolgado me disse – *“Tenha paciência, amigo, vai dar tudo certo”*, e saiu com a mochila nas costas e seu jeito irreverente de encarar a vida.

Como me falta argumento para expressar tudo que Dorian representou para a cena cultural, e para os amigos, sintetizo nesta página, um pouco do que saiu sobre ele, em jornais, blogs e portais do Estado:

A seguir alguns trechos de artigos e notícias:

A Prefeitura De Natal deu uma nota; *“Cultura Potiguar de Luto Com A Morte do Produtor Dorian Lima”*

A Cultura Potiguar amanheceu de luto com o falecimento do produtor cultural Dorian Lima, idealizador de projetos como o MPBeco e ativista da revitalização do Centro Histórico através das Artes.

(...)

Dorian deixa uma legião de amigos que conviviam em diversos projetos consagrados e em produções da Prefeitura do Natal, e a Secretaria de Cultura de Natal (Secult-Funcarte) lamenta e se solidariza com todos aqueles que tiveram a oportunidade de conviver com Dorian Lima.

O IFRN também deu um comunicado *“Nota Institucional Sobre o Falecimento do Ex-Aluno Dorian Prudêncio de Lima”*

Com enorme pesar, comunicamos o falecimento de Dorian Prudêncio de Lima, produtor cultural e graduado do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural do IFRN.

(...)

No Curso de Produção Cultural, Dorian Lima foi um estudante magnífico, cumprindo com primor suas atividades acadêmicas e compartilhando informações e experiências com docentes e alunos, mesmo após formado. Um exemplo de sua atuação como discente é o seu trabalho de conclusão de curso, denominado Análise do processo de produção

em quatro filmes do cineasta William Cobbett: da captação de recursos à filmagem, defendido em 2020, disponível na Biblioteca Virtual do IFRN Centro Histórico.

Em virtude dessa triste notícia, informamos a suspensão das aulas hoje (21 de junho de 2023) no Curso de Produção Cultural do IFRN.

Lamentamos profundamente o falecimento de Dorian Lima. Desejamos força aos familiares e amigos. Que o legado de Dorian Lima para a cultura potiguar se perpetue!...

O Portal Saiba Mais dedicou belo artigo, através do jornalista **Rafael Duarte**.

O Beco da Lama perdeu um de seus mais importantes e verborrágicos contadores de histórias. A boemia da Cidade Alta chora a morte de um seus mais assíduos soldados étlicos. O produtor cultural Dorian Prudêncio Lima, 60 anos, não resistiu a uma parada cardíaca e complicações geradas a partir de uma infecção. Ele morreu por volta das 6h30 desta quarta-feira, na UPA de Cidade Satélite, onde estava internado desde segunda-feira (19). Após a mobilização de amigos, que conseguiram uma vaga na UTI do hospital de Macaíba, o médico que o atendeu não autorizou a transferência em razão da pressão muito baixa do produtor. Dorian deixa esposa e três filhos.



(...)

A trajetória cultural de Dorian Lima começa ainda nos anos 1970, quando funda o movimento Aluá de poesia marginal. Ao lado de Venâncio Pinheiro, Aluízio Mathias, João Barra, Ciro Pedroza e outros poetas da época, ele atuava como uma espécie de relações públicas e captador de recursos.

(...)

No **Papo Cultura**, do jornalista Sérgio Vilar, saiu também artigo do escritor **Moisés de Lima**, denominado “Dorian e o Tapete Navegador”.

(...)

Vejo alguns companheiros de jornadas partindo aos poucos. Uma sensação de finitude preenche nossa alma e amarga o coração.

Dorian tem seu lugar na história cultural da cidade pelo Aluá, pelo MPBeco, pela Samba, pelo ativismo em favor do Centro Histórico.

Com sua camisa do tricolor das laranjeiras, cigarro derby no canto da boca, cerveja no copo e jeito irônico e inteligente de ver o mundo, sempre nos abria um sorriso malandro.

Porra, Dorian, não estava combinado você ir tão cedo.

O **Secretário de Cultura de Natal, Dácio Galvão**, amigo de longa data, escreveu artigo, em sua coluna semanal na **Tribuna do Norte** com o título “Partida”

....Dorian Lima partiu dia 21 próximo passado. Data de aniversário de Machado de Assis.

Ativo protagonista desse estado de poesia.

Da margem.

Poeta por vezes calado. Mas ligado. (Irre)quieto. Bem-informado. Fez poesia visual inclusa em uma das duas edições da “Criação: uma revista vanguarda.” Periódico que envolvia as participações de Falves Silva, Ari Rocha, Anchieta Fernandes...

Lima idealizou e produziu um dos maiores e exitosos festivais de música popular com ênfase no compositor local: MPBeco! Referência direta ao Beco da Lama e adjacências. Marcou época e carimbou artistas alternativos. Era talhado -Raquel Lucena parceira na produção de anto-

lógicos réveillons é sabedora- nos versos propagados por Jards Macalé. Aqueles que revelam a urbe e certo repentes de espíritos: “...se chego num dia, a cidade é careta/...chego num dia, me arranco no outro/se eu me perder da Nau Catarineta/Eu vou/Eu mato/Eu morro/E volto para curtir!”

O jornalista e membro do Conselho Estadual de Cultura, **Alex Medeiros**, também dedicou artigo a Dorian na Tribuna do Norte, com o título “A Cultura Perde Dorian”

O luto cobre mentes e corações da minha geração que abraçou a poesia chamada alternativa na fronteira das décadas de 1970 e 1980. O poeta e produtor cultural Dorian Lima se foi aos 60 anos, após sofrer uma parada cardíaca. Depois de três dias internado numa UPA, seu corpo não suportou a longa espera por uma vaga em UTI cardiológica no sistema público de saúde.

(...)

Há exatos 40 anos, em setembro de 1983, quando Dorian fez 21 anos, estávamos todos juntos na Folha Poética, ideia magistral de Aluízio Mathias que resiste ao tempo como uma nau transportando e transbordando poesia.

(...)

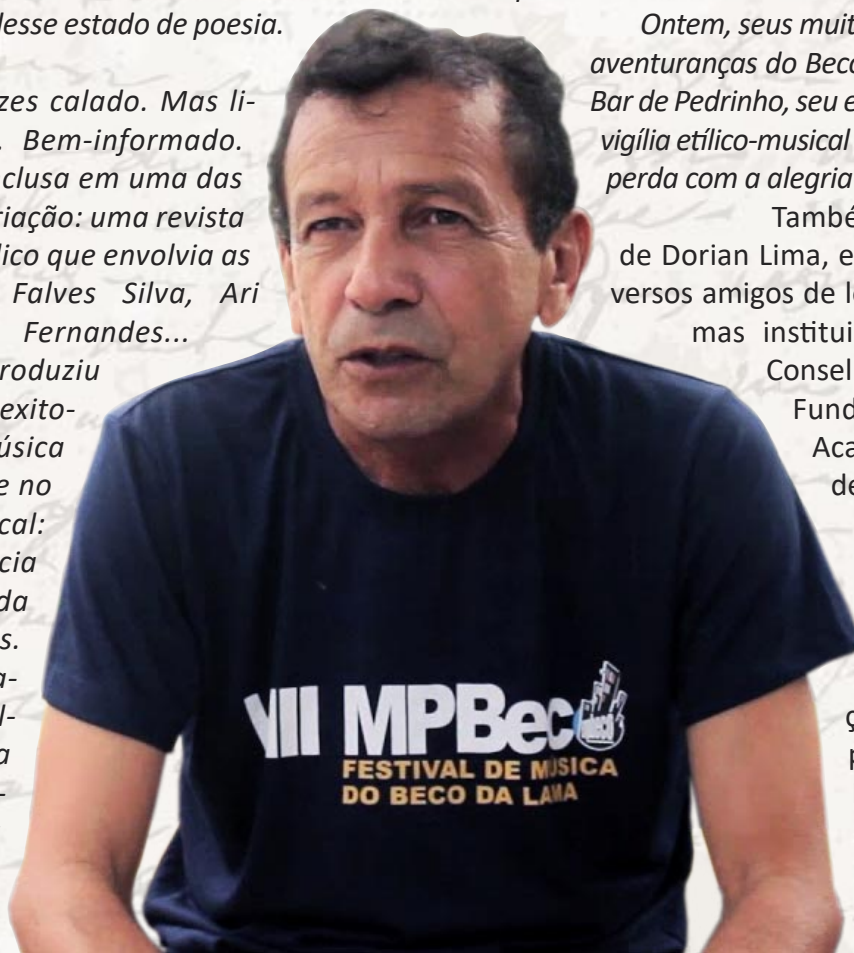
Em 1996, lá estava ele, na Expoética, reunindo autores potiguares numa mostra internacional de poesia visual através do Sesc, compondo a comissão julgadora com duas feras, o decano Falves Silva e o inquieto J. Medeiros.

Ontem, seus muitos amigos das andanças e aventuras do Beco da Lama se reuniram no Bar de Pedrinho, seu expediente predileto, numa vigília etílico-musical para espantar a tristeza da perda com a alegria que ele ali projetava.

Também noticiaram a partida de Dorian Lima, em suas redes sociais, diversos amigos de longa data, além de algumas instituições culturais, como o Conselho Estadual de Cultura, a Fundação José Augusto e a Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Dia 04 de setembro passado, no IFRN, Unidade Rocas, foi aberta uma sala da coordenação do Curso de Produção Cultural, comandado pelo professor Dr. Marcel Matias, e ela possui o nome de Dorian Lima.

Justa homenagem!





Marinilda Boulay

Artista, curadora e pesquisadora. PhD em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Sorbonne Nouvelle - Paris III, França. Presidente do ITC, Instituto Totem Cultural (totemcultural.org.br/expo).



Tania de Maya Pedrosa em seu ateliê em Maceio - AL

Tania de Maya Pedrosa

na história das artes visuais brasileiras

Temos registrado em uma série de artigos publicados na Revista Paleta, mulheres que têm importante contribuição na produção artística e cultural do país apesar das grandes lutas que sempre tiveram que enfrentar em busca de espaço neste cenário, estando inseridas em um sistema das artes marcado pelo privilégio masculino e branco, com uma estrutura essencialmente eurocêntrica, que precisa ser superada ao lado de outras questões como a heteronormatividade. Tania de Maya Pedrosa é uma delas, tendo um importante papel na disseminação cultural por meio da arte, ela vem colaborando com a formação artística do país não somente através da sua obra, testemunho e patrimônio brasileiro, como também enquanto pesquisadora, colecionadora e mecenas.

Sua obra pictural é um hino à vida em meio a um borbulhar místico, com referências autobiográficas. « Pajuçara dos meus amores » é uma das obras da artista, que retrata de maneira afetiva este bairro de Maceió, capital de Alagoas, onde ela nasce em 27

de outubro 1933. É olhando para esse mar de rara beleza com suas piscinas naturais de águas mornas e transparentes, e os corais protegendo a praia, que Tania foi despertada para o amor pela natureza herdado de seu pai Paulo Pedrosa um dos pioneiros ecologistas de Alagoas, e teve os primeiros contatos com a arte ao som do piano de sua mãe Benita M. de Maya, instrumentista e professora de piano.

Entre viagens à capital do país, que até então era o Rio de Janeiro, com intensa programação cultural e artística, e a vida simples de engenho na Usina João de Deus na cidade de Capela no interior de Alagoas onde foi morar após seu casamento, vai-se consolidando o amor de Tania de Maya Pedrosa pela arte, e especialmente a arte popular. Descobrimo o interior das terras alagoanas e nordestinas e seus artistas ela constitui ao longo dos anos uma inestimável coleção de pinturas, objetos, ex-votos¹, esculturas, e desenvolve uma pesquisa de campo, que resulta na publicação dos livros “Arte popular de Alagoas” (Grafitex, gráfica e editora, 2000) e “Arte Popular - A Invenção da Terra” (Iphan-AL, 2013).

Enquanto mecenas, Tania vai colaborar para que muitos artistas saiam do anonimato, ajudando a



Tania de Maya Pedrosa. Eu vim para proteger os fracos, 2002. Acervo particular.

descoberta e o reconhecimento desses talentos. Em 1993 ela realiza uma grande exposição no Rio de Janeiro na ocasião do centenário do poeta alagoano Jorge de Lima, e publica os livros/catálogos « Arte Alagoas I e II ». Frequenta ilustres amigos como o arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx, e conterrâneos como o lexicógrafo, ensaísta e crítico literário, Aurélio Buarque de Holanda, o acadêmico e poeta Lêdo Ivo e o artista plástico Lula Nogueira. Em 1994, apoiada por eles, Tania traz à luz sua obra pictural intuitiva, cujas raízes acham-se nas entranhas da sua própria terra.

A artista, é rapidamente reconhecida pelo seu talento e a singularidade de suas obras, tanto a nível nacional, como internacional, com exposições, publicações, e prêmios recebidos, como os da tradicional Bienal Naïfs do Brasil em 1998 e 2000, a qual é realizada a mais de 30 anos, pela rede SESC-SP. Seguiram-se artigos elogiosos publicados na România (« Artei Naive din România », 2020), Suíça (Gazette, N° 246, 2004), Inglaterra (Raw Vision, 2002), França (Arten-sion, Hors Série, n°9),



Tania de Maya Pedrosa. Maceio, 2018. Acervo particular

¹Do latim ex-voto suscepto (“pela promessa realizada”), o termo “ex-voto” refere-se a pinturas, esculturas e outros objetos que pessoas devotas oferecem às suas divindades, em templos e locais de peregrinação, como forma de agradecimento à cura de uma doença – por isso, algumas esculturas de madeira remetem a partes do corpo afetadas por enfermidades – ou a outras graças alcançadas. Ver: <https://www.sescsp.org.br/ex-votos-e-uma-estetica-da-devocao/>

entre outros, e exposições internacionais como na Suíça, na Galerie Pro-Arte Kasper (2004), mas sobretudo na França pela qual Tânia tem um carinho especial, tendo exposto no “Centre Régional d’Art Contemporain” no Castelo de Tremblay em Fontenoy; no 8º Festival Internacional d’Art Singulier em Aubagne, no Musée des Beaux-Arts de Carcassonne. A artista tem obras no acervo do Museu « La Coopérative-Musée Cérés Franco » em Montolieu. Esse museu foi criado com a coleção da importante galerista brasileira residente em Paris Ceres Franco (1926-2020), da qual Tania era muito próxima, acompanhando-a em viagem pelo interior de Alagoas a descoberta de nossos artistas populares. Tania teve um outro grande amigo na França que foi o crítico de arte e ensaísta Laurent Danchin (1946-2017). Especialista de arte « brut », outsider e singular, e autor de várias publicações em torno dela.

Poeta dos pinéis, em suas obras germinam as sementes colhidas nas suas incansáveis peregrinações em busca do simples, do que constitui os mananciais de onde jorra a nossa

arte popular, mapeando os diferentes sotaques e narrativas do seu Estado, e em última instância do Brasil.

Os ex-votos, em esculturas de madeira, de cerâmica, pinturas, ou objetos, que conjugam saúde, fé e arte, no cruzamento das promessas e dos milagres, são



Tania de Maya Pedrosa. Pajucara dos meus amores, 2022. OST, 50 x 70 cm. Acervo particular

estética da devoção muito própria.

Brotam das suas telas letras de música, nomes de locais como Pontal da Barra, reduto das rendeiras do filé; o paraíso cultural que pulsa arte na Ilha do Ferro; União dos Palmares de Dona Irinéia; Boca da Mata dos Marinheiras; a cidade de Capela onde fica o

ateliê de João das Alagoas e de Sil, mas também a Usina João de Deus, a Casa Grande, o canavial, as danças, a seca. De lá Tania nos leva em espiral para a Ilha do Fogo na Lagoa Mundaú, Ponta Verde, Jatiuca, Pajuçara, e entre pássaros, peixes, e estrelas, sob o sol ardente que faz vibrar as cores, aparecem nomes de pessoas amadas. As



Tania de Maya Pedrosa. Usina João de Deus, 2022. Acervo particular

obras de Tania de Maya Pedrosa contam a história da artista, que festeja seus 90 anos neste mês de outubro, mas sobretudo, como já afirmava a jornalista suíça Jeanine Rivais, elas representam « um precioso testemunho etnográfico da vida cultural do Brasil ».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANCHIN, Laurent, Art brut. L'Instinct créateur. Paris, Découvertes Gallimard, 2019.

Publicações de Tania de Maya Pedrosa

Arte Alagoas I e II (1993 e 1994)

Arte Popular de Alagoas (Grafitex, gráfica e editora, 2000)

A Invenção da terra - coleção Tania de Maya Pedrosa (Iphan, AL, 2013)

Catálogos de exposições

- Collection Cérés Franco Acte I - Les imagiers de l'imaginaire (Musée des Beaux-Arts de Carcassonne - FR)

- M'an Jeanne et ses invités - catálogo da exposição no Centre Regional D'Art Contemporain (Yonne e Bourgogne)

- 8ème Festival International d'Art Singulier - Aubagne (FR); 17 décembre 2004 au 9 janvier 2005

- Bienal Naifs do Brasil 1998 (Sesc-SP, 1998)

Revistas e periódicos

- Gazette, publicação da Galerie Pro Arte Kasper - Suíça, N° 246, janeiro 2024.

- Artension, Hors Série n° 9, Paris - FR

- Raw Vision, RV#40 Autumn/Fall 2022, Londres - UK

- Galeria Naivã - Revista Artei Naive din România - Anul X, nr 1(37) Primăvară, 2020.



Márcio de Lima Dantas

Professor de Literatura Portuguesa
da UFRN



Está na hora, o Senhor me chamou,
Senhor aqui estou.
Vai trabalhar pelo mundo a fora,
Eu estarei até o fim contigo.



A procissão de Corpus Christi (Tantum ergo sacramentum)

Antigo polo econômico da região Oeste, a cidade de Patu, deteve durante muito tempo uma riqueza econômica e simbólica que pode ser avaliada, só para retermos um exemplo, através de uma presença forte da Igreja Católica, sendo os padres vinculados à Ordem da Sagrada Família. Tanto é que o calendário religioso era seguido rigorosamente, comemorando-se com pompa e ritos detalhados as festas da cristandade. Quem sabe a presença de párocos com personalidades fortes e de espírito empreendedor e autoral tenha ajudado a sedimentar as práticas simbólicas relacionadas à religião. Um hino dessa Ordem proclama um dos carismas que integra o espírito catequético e edificador de obras evocadoras da Dulia (culto dos santos e mártires). Igrejas, Santuários e Capelas para assistir os fiéis no cotidiano consagrado a Jesus, Maria e José, figuras que o nome da ordem já diz a primazia de culto.

O costume de realizar pomposas procissões aclimatou-se muito bem a um país tipicamente mestiço como o Brasil. Tais procissões são rebentos dos cultos pagãos. Na antiga Grécia já havia cortejos dedicados ao deus Dionísio, quando se dirigiam aos anfiteatros onde ocorriam os torneios de peças de teatro, comédias ou tragédias. Nos países cujas práticas religiosas são regidas por maior sobriedade e pureza, quase não se pratica a procissão, fenômeno que mais se aproxima do que entendemos como teatro, com seu caráter lúdico, do que uma celebração às forças sagradas.

Estávamos falando de quê? Sim, das procissões da cidade de Patu. Essas se revestiam de uma grande solenidade, dentre essas, destacava-se a Procissão de Corpus Christi. Toda a população acorria a participar, em trajes domingueiros. A concentração realizava-se no grande adro da Igreja matriz, situado em um nível superior ao da rua.

Os lugares eram definidos seguindo o cortejo na seguinte ordem: cruz processional, meninas trajadas com vestimentas de anjos, ordens existentes (até onde me lembro, era o Apostolado da Oração, com suas roupas azul-marinho e uma fita vermelha trespassando o pescoço, com a medalha contendo os atributos das zeladoras).

Sob o pálio, ladeado por quatro lanternas, o padre em vestimentas amarelo-dourado, com um véu de ombro cobrindo suas costas, segurava o imenso e pesado ostensório dourado, no qual se encontrava o Santíssimo Sacramento, não o tocava diretamente com as mãos, como se realmente detivesse a materialização do corpo do Cristo. Ele, o sumo-sacerdote, representante de Deus na terra. Havia uma concentração nos gestos, no olhar. Não restava dúvida, o Espírito Santo ali se instalara e resplandia seus raios dourados de luz, beleza e caridade. O olhar de completa humana contrição mais parecia em transe. Um deus havia possuído um homem, comandante-em-chefe da moral e do saber advindos do alto. O povo, contrito, acompanhava, respeitando ativamente os símbolos envolvidos na cerimônia plena de gravidade, estética e legenda. Claro que todo esse respeito estava limitado ao tempo que durasse o cortejo, visto que a população astuciosamente separou logo o sagrado do profano, fazendo valer pesos e medidas diferentes concernente o freguês e a ocasião.

Havia o costume de se elevar vários altares nos quais o padre depunha o ostensório e entoavam-se hinos; normalmente estavam erguidos em residências mais abastadas ou famílias vinculadas desde sempre à fé Católica, altares ricamente ornamentados para que a procissão desse uma breve parada e o padre abençoasse. Quando da passagem do Santíssimo, meninas vestidas em trajes de anjos jogavam pétalas de rosas sobre o grande resplendor dourado, em cujo interior habitava a enorme hóstia, numa rara chuva de perfume, incenso e cor. Vozes femininas, dolentes, ressoavam hinos de louvor ao arco que unia o Alfa e o Ômega, mito de dois mil anos: *A nós descei divina luz. / A nós descei divina luz. / Em nossas almas acendei / o amor, amor de Jesus.*

Adorava-se o Corpo de Cristo, sagrava-se o corpo social e os representantes do poder temporal. O cortejo era, na verdade, imagem e semelhança da vida social. Um refletia o outro, irmanados que estão para todo o sempre de suas existências. O Deus não era inocente. Os homens souberam muito bem encontrar uma maneira de suprir suas demandas espirituais com os interesses profanos. Os condutores das lanternas representavam as famílias mais importantes economicamente, ou simbolicamente, e detentoras da perpetuação de seus lugares sociais, defendendo, por meio da religião, a ideologia das classes dominantes. Ora, o que a procissão ritualizava

não era apenas o triunfo da eucaristia. Conjugando o lugar do poder e o da fé, com seus representantes simbólicos, harmonizava e perpetuava ideologicamente a autoridade e a fé, o cimento era a sutil encenação lúdica de uma obra representada no meio das ruas.

Com efeito, nas ruas em que a procissão passava, havia o costume dos moradores colocarem uma toalha de mesa, nas janelas, dobrada, caindo para fora, como uma espécie de franja, normalmente a melhor peça da casa; sobre ela, um jarro de flores e ramos artificiais ou naturais. Também acendiam-se velas. Homenagem sóbria de quem aquiescia diante da ordem divina, pois não passa de uma estilização de uma mesa adornada. Mesa posta aguardando as benesses da hóstia consagrada, símbolo do Corpo de Cristo, metáfora daquele que nos provera de fé, paciência, esperança e capacidade de discernimento.

O préstito caminhava lentamente pelas ruas. Quase toda a população se encontrava no cortejo. Alguns idosos e enfermos permaneciam em casa, olhando seriamente pelas janelas, junçadas de flores e ramos.

Quase sempre aquele que comandava a procissão era Pe. Henrique Spitz, desde sempre o reitor do Santuário de N. Sra. dos Impossíveis, chantado na Serra do Lima. Eis que o clérigo caminhava em triunfo pelas principais ruas, com seus calçamentos tépidos. Havia uma gravidade no seu olhar, não deixando dúvidas de seu acreditar naquilo que fazia, por isso, quem sabe, era o sempre oficiante dessa procissão, embora a Igreja matriz sempre detivesse um titular.

Essa **Latria** (adorar) remonta a 1264, estando relacionada à Santa Juliana de Liège (1191-1258). Apenas nessa ocasião, segundo os dogmas da Igreja Católica, o Cristo Vivo, o Corpo do Senhor, assoma pelas ruas, abençoando a população, os familiares e os enfermos. Comemora-se o triunfo do Cristo sobre a morte, fazendo saber, por meio da alegria, a necessidade de fortalecer a fé e exultar por ser membro dessa grande confraria: a cristandade. Tudo está permeado por elementos catalizadores, estimulando pelos cinco sentidos o grande espetáculo com grande poder dramático. Nada fica de fora, até o olfato recebe estímulos, haja vista os incensos queimados pelos turíbulo em todo o trajeto.

Ainda como passagem do séquito pelas sendas da cidade, havia paradas obrigatórias, como dissemos acima. A título de registro, seguem as residências nos quais havia um altar para que o sacerdote pusesse o ostensório. Da. Nadir Godeiro, Da. Clotilde. Sr. Mário Solano, Da. Mariinha de Chichico (com o falecimento dos dois, ficou uma filha do casal: Da. Mocinha), Da. Ruzinetee de Lourival Rocha, Sr. Benício de Zulmira, Sra. Raimunda de Severina de Conegundes e Eládio Moura.





Alfredo Neves

Artista plástico, editor da Revista Paleta, poeta e vice-presidente da Academia Macauense de Letras e Artes.



PEQUENO FORMATO 15 X 20 A.S.T.

A ARTE NAÍF DE NILSON

Francisco Nilson dos Santos, conhecido no meio artístico como Nilson. Natural de Currais Novos-RN, onde nasceu em 17 de junho de 1970. Filho de Francisco Alves e Maria do Carmo Silva. No início iniciou a sua atividade fazendo letreiro, abrindo letras para fachadas comerciais e designer publicitário. No mundo da arte não é novidade o artista iniciar a sua carreira profissional num segmento e se despertar mais adiante para aquilo que melhor irá representá-lo como opção que possa satisfazê-lo pessoal e mercadológica. Alfredo Volpi (1896-1988), por exemplo, iniciou a sua carreira como marceneiro, encanador, decorador de paredes e mais tarde fez a opção de entalhador e pintor, tornando-se então um dos maiores pintores ítalo-brasileiros de todos os tempos. Retornando ao nosso artista Nilson, além de abrir letreiros, os comerciantes pediam ao artista que desenhasse uma figura que pudesse identificar o estabelecimento. Por exemplo, num açougue, ele ainda desenhava a cabeça de um touro. Entre desenhos aqui e outros acolá, com isto ele se despertou para o aprimoramento e a pintar em painéis e telas para pin-



turas profissionais.

No entanto, não foram só os letrados e desenhos que influenciaram o artista Nilson, teve certamente aquilo que chamamos de percepção, sentimento, o “nascer para isto ou aquilo”, pois vindo desde criança pessoas pintarem e o seu irmão Francisco de Assis desenhar, permitiu então o despertar em definitivo para as artes plásticas em 1985. Depois deste período o reconhecimento foi imediato, contribuindo ao Nilson a venda de muitas telas e recebendo a partir daí elogios de muitos colegas e pessoas da área das artes visuais. Em 2005 foi incentivado a participar da sua primeira exposição e em 2006 participou da I Exposição de Arte Ingênuo da Cidade do Natal, realizada na Capitania das Artes, onde saiu na Revista Brouhaha.

Nilson já antecipa qual o seu estilo e movimento artístico, que é a Arte Primitivista ou Naïf. Pude em diversos artigos escrever sobre a Arte Naïf, desta maneira, sem muitas delongas, comento mais um pouquinho para os leitores da Revista Paleta se familiarizarem, fragmentos do artigo que escrevi sobre Iaperi Araújo, no Potiguar Notícias, considerado um pioneiro e proeminente praticante da Arte Naïf no RN, alguns dados sobre o movimento: [...] O termo é de origem francesa que significa “ingênuo”. Os artistas desta escola são chamados de artistas primitivistas. As suas técnicas são únicas e cada um adota o seu próprio estilo. As características mais importantes são: o autodidatismo, resultado da inexis-

tência de formação acadêmica no campo artístico; recusa ou até mesmo desconhece o uso de cânones da arte acadêmica; composição plana, bidimensional, tende à simetria e a linha é sempre figurativa; não existe perspectiva geométrica linear; o artista não utiliza as regras da perspectiva; detalhamento das figuras e dos cenários; colorido exuberante e pinceladas contidas com muitas cores. Infiro que, os termos aplicados às artes, ou partem dos próprios criadores para definir as suas criaturas, como resultado das suas ações artísticas, ou se originam de críticos da arte para definir o que eles imaginam ser o ideal para ser aplicado aquilo que foi criado, tanto como uma crítica positiva ou uma exortação negativa ao movimento.

[...] Com a sua origem na Europa, notadamente na França no século XIX, vanguardistas viam que esses artistas se dedicavam às artes como passa tempo. Isto, talvez, tenha contribuído para a cunhagem do termo “ingênuo”. A obra O Alfandegário, de Henri Rousseau (1844 – 1910), fez com que o termo Naïf fosse utilizado pela primeira vez. Os principais pintores no Brasil são: Emídio de Souza (1868 – 1949), Antônio Poteiro (1925 – 2010), Wilma Ramos (1940 – 2009), Djanira da Mota e Silva (1914 – 1979), mestre Vitalino (1909 – 1963) e tantos outros. No Rio Grande do Norte: Iaperi Araújo, há ainda pintores Naïfs como podemos destacar:





Vantenor de Oliveira, o Macauense Roberto Medeiros, José do Vale, Maria do Santíssimo (1890 – 1974), Iaponi Araújo (1942 – 1996), Gilvan Bezerril (1928 – 2010), Diniz Grilo (1956 – 2008) e tantos outros que abraçaram e técnica Naïf.

A arte de Nilson, sendo desta escola, notadamente no que preciniza a origem do nome e da estética aplicados na sua produção, gerou para muitos analistas no campo das artes visuais, conceitos diversos. No entanto, contraponho, como muitos outros críticos de arte também se opõem, que de ingênua (a Arte Naïf) não têm é nada, muito pelo contrário, no caso das telas de Nilson, elas são belíssimas, regionalistas, sincretistas, tropicais, difusoras dos nossos



PEGA DO BOI NO MATO, 70 X 50 ACRILICA SOBRE TELA, AGOSTO DE 2023

folguedos, das danças populares e de um profissionalismo marcante. Podemos certamente difundir a ideia que notabilizou a arte Naïf, a partir da crença e do uso dessa “falta de interesse” como sendo uma arte ingênua, mas insisto em escrever em meus artigos que cada vez mais os artistas se dedicam com mais afincos e interesse de marcarem a História da Arte com as suas obras em importância igual ou superior a qualquer outro tipo de pintura que possamos conhecer dentro dos vários estilos conhecidos.



DISPONÍVEL, 40 X 50 A.S.T.

Na sua lista de telas recomendadas, tenho um apreço muito grande e elogiosos às seguintes: “Meu Balanço”, 40 x 50 cm, Acrilica Sobre Tela; “Materni-



MISTÉRIO DE UM PAVO NA GRÉCIA, 60 X 50 ACRILICA SOBRE TELA, JANEIRO DE 2023



BORBOLETA, 50 X 40 ACRILICA SOBRE TELA, JULHO DE 2022

dade”, 50 x 40 cm, Acrílica Sobre Tela; “Menino do Brasil”, 40 x 50 cm, Acrílica Sobre Tela; “Galo de Campina”, 50 x 40 cm, Acrílica Sobre Tela; “Anunciação do Anjo Gabriel à Virgem Maria”, 50 x 40 cm, Acrílica Sobre Tela; “As Frutas”, 60 x 80 cm, Acrílica Sobre Tela; “Lá no Meu Pé de Serra”, 40 x 70 cm, Acrílica Sobre Tela; “Violeiro”, 50 x 70 cm, Acrílica Sobre Tela; “Caju”, 50 x 40 cm, Acrílica Sobre Tela; “Cavalo”, 80 x 60 cm, Acrílica Sobre Tela.

Outras exposições foram também realizadas pelo artista, IV Salão da Semana da Marinha de Natal-RN, na Pinacoteca do Estado, em 2006, sendo premiado inclusive com a Menção Honrosa com a Obra “Liberdade – 1, Exposição de Artes Potiguaras na Suécia, na Galeria Vanda Sida 1 Tr upp t.v. Linkopings Stads Bibliotek na cidade de Linkopings na Suécia, em agosto e setembro de 2008, II Salão Dorian Gray de Arte Potiguar, Fórum das Artes, em Mossoró-RN de 15 de junho a 15 de setembro de 2017, onde foi premiado com a obra “Vida de Cangaço”, selecionado para participar da XV Bienal de Artes Naif do SESC de Piracicaba-SP em agosto de 2020, V Salão Dorian Gray de Arte Potiguar, e nos salões seguintes, Cores do Interior,



de setembro a outubro de 2021, em Natal e Mossoró, onde também foi premiado em alguns destes Salões, e diversas outras exposições importantes, a citar: 100 Anos da Semana de Arte Moderna – 2022 em Guarabira-PB, bem como o 50 Festival Internacional na mesma cidade em 2023, Exposição ARTE NAIF POTIGUAR CONTEMPORÂNEA (e do Calendário 2022 - ESMARN), na Escola Superior da Magistratura do Rio Grande do Norte, Natal/RN, em 18 de novembro de 2022. Curadoria Manoel Onofre Neto, Exposição CHÃO DOS SIMPLES. Um encontro da literatura com as artes visuais potiguaras, realizada na Pinacoteca do Estado, Natal/RN, de 22 de julho a 06 de agosto de 2023. Curadoria de Manoel Onofre Neto e Ângela Almeida. Exposição EM TORNO DO BECO, realizada na Galeria Newton Navarro, na Fundação Capitania das Artes, Natal/RN, de 03 a 15 de dezembro de 2021. Curadoria de Manoel Onofre Neto e Edrisi Fernandes. 28º salão internacional de artes de Mogi Mirim-SP, Centro cultural Lauro Monteiro de Carvalho e Silva, Mogi Mirim-SP, outra de 01 a 31 de outubro-2023.

Nilson já expos também em muitas cidades do RN, do Brasil, na Argentina, no Paraguai e várias das suas telas estão espalhadas por diversos países.

O artista mantém um ateliê, o Sertão das Artes, em Currais Novos-RN. Como boa parte do tempo ele fica em Acari-RN, lá ele produz os seus trabalhos em sua residência. As suas artes são comercializadas via redes sociais, tais como Facebook, Whatsapp e Instagram (@francisconilson-dossantos). Nilson é mais um artista do RN que orgulha a todos nós com a sua hábil e orgulhosa arte plástica.



FONTE DE PESQUISA:

Dados repassados pelo próprio artista

MONTEIRO, Jacy; Dicionário da Pintura Moderna, 1981, p. 255 – GOMBRICH, Ernest Hans; A História da Arte, 2006

<https://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/arte-naif/>

Acessado em 02/04/2020.

Arte revisto e anteriormente publicado no Portal do Potiguar Notícias em 2020



Francisco Galvão

Sociólogo e Professor de História
Membro do Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte



A quem pertence o legado dos Santos Mártires do Rio Grande do Norte?

Canguaretama recebeu o legado da invasão holandesa, guardando por séculos a memória dos acontecimentos horrendos do engenho Cunhaú. O que poderia ter ficado apenas como fato histórico, se tornou símbolo de fé e identidade local e se perpetuou ao longo do tempo. Os colonos sobreviventes guardaram a memória desses heróis no início da povoação da capitania. Nessa sequência, se faz importante a presença dos carmelitas que receberam a missão de catequisar em Gramació (Vila Flor) no último ano do século XVII. Por uma coincidência, o dia do *Martírio do Cunhaú*, 16 de julho, é a mesma data consagrada à Nossa Senhora do Carmo, a patronesse da Ordem Carmelita.

Esse fato deve ter forjado uma ligação dos religiosos com a história do lugar, mais de meio século depois do fato. Entretanto, já deveria ser um acontecimento que fazia parte da cultura local. Baseado nisso, podemos insinuar que a edificação do tempo da missão de Gramació, inaugurada em 1645, parece ter sido proposital para celebrar os 100 anos do *Morticínio*. Do mesmo modo que o orago escolhido foi Nossa Senhora do *Desterro*, que lembraria o desterro dos holandeses.

Com isso e partir da fundação de Vila Flor, a igreja local passa a ser a difusora do culto aos Mártires, forta-



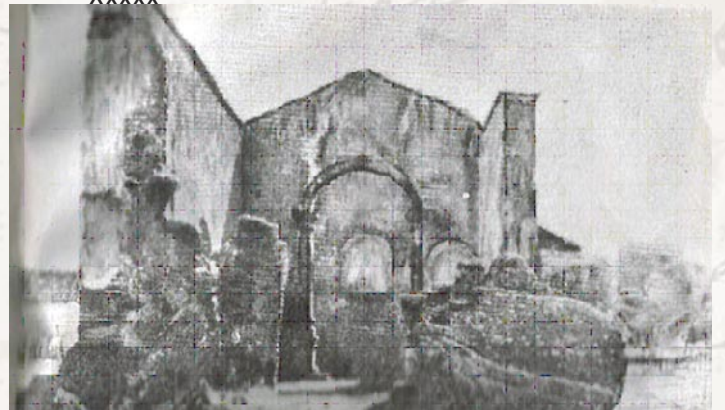
lecendo a visão de santidade dos colonos mortos em Cunhaú. Já na passagem do século XVIII para o XIX, percebe-se que essa devoção estava bem alicerçada, pois é quando aparecem os diversos Andrés na família Albuquerque Maranhão, uma referência clara ao padre André de Soveral, mártir central em Cunhaú (berço da família).

Com a transferência da paróquia para Canguaretama, em 1858, Já não se questionava mais sobre a santidade desses mártires. Desde então, Canguaretama passou a ser a herdeira dos *Santos de Cunhaú*. Esse era um tema central da história local no Rio Grande do Norte até a primeira metade do século XX, quando vários livros foram publicados tratando do assunto. Do mesmo modo, a Igreja Católica passou a ter maiores interesses pelos *Santos Potiguares* e promoveu vários congressos eucarísticos.

As peças do Cunhaú, como o sino e a imagem de

Nossa Senhora das Candeias foram tratados como relíquias, mas apenas depois da renovação das regras para reconhecimento da santidade dos fieis, ocorrida no final do século XX, a Igreja Católica reconheceu os dois Santos do Cunhaú, acrescentando-se os 28 de Uruaçu.

Xxxxx





Walclei de Araújo Azevedo

Professor de História e Sócio Efetivo do IHGRN

Clementino Monteiro de Faria

Um Nome do Sertão Velho

Escanchado no tempo, vou em busca do sertão velho para lá encontrar o coronel Clementino Monteiro de Faria, um nome que ocupa um lugar no panteão das figuras ilustres do Sertido de antanho.

Clementino Monteiro de Faria, cria da fazenda Carnaúbas, nasceu na fazenda Aroeiras (propriedade do seu avô em Serra Negra), no dia 19 de novembro de 1842, quando o longo reinado de D. Pedro II, estava no segundo ano. Filho de José Clementino de Faria (Zezinho da Carnaúbas) e de D. Tereza Gomes de Faria.

O jovem Clementino foi desasnado no conhecimento das ciências básicas para a época (História, Geografia, francês e latim), no colégio do padre Rolim em Cajazeiras-PB. Naquela casa de educação, adquiriu o bom hábito da leitura.

O coração do jovem Clementino, bateu mais forte pela faceira moça, Paulina Umbelina dos Passos Monteiro e com ela gerou uma prole de nove filhos, sendo: cinco homens e quatro mulheres. A fecunda descendência multiplicou-se em netos, bisnetos, trinotos e muitos mais que continuam a brotar para manter viva a semente de Clementino e Paulina. Um filho, uma bisneta e um trinoto do casal governaram o Rio Grande do Norte.

Juvenal Lamartine de Faria (filho), governou o estado na Primeira República entre 1928 e 1930, foi apeado do poder pela pseudo "Revolução de 1930". Ele também recebeu os primeiros votos femininos do Rio Grande do Norte. Wilma Maria de Faria (bisneta), foi a primeira mulher a assumir a prefeitura de Natal por dois mandatos entre 1989 e 1993 e 1997 e 2002, assim como, a primeira governadora do Rio Grande do Norte entre 2003 e 2010, justificando a ideia de que a mulher pode estar onde ela quiser... Quando faleceu, Wilma de Faria era vereadora de Natal. Robinson Faria (trineto), foi o 55º governador do Rio Grande do Norte entre 2015 e 2018. A fecunda semente do coronel Clementino e D. Paulina, alcançou também o bonito caminho da intelectualidade através de um neto, Oswaldo Lamartine de Faria que deixou para as novas gerações uma importante obra que muito bem ensina sobre a rica cultura sertanejo-seridoense.

O coronel Clementino Monteiro de Faria, fazendeiro modesto, era um homem magro e de estatura mediana, foi chefe político em Serra Negra por muitos anos. Respeitado tanto pelos aliados quanto pela oposição, exerceu um mando manso e justo, fundamentado na honestidade e no respeito ao próximo. Fez dessa prática um hábito que garantiu para a posteridade a lembrança do grande homem que foi. Exerceu ainda os cargos de Juiz Municipal, Presidente da Intendência (Prefeito Municipal) e Deputado Estadual. Em todos os cargos que assumiu, manteve o costume da justiça, da parcimônia e da humanidade, justificando um ensinamento de Plínio, o Velho que diz assim: "O hábito é o melhor mestre em todas as coisas."

Clementino Monteiro de Faria partiu em busca do mundo da saudade, cercado de estima e consideração no dia 19 de setembro de 1922, quando o Brasil co-

memorava o centenário da sua independência política.

Durante algum tempo a figura do Coronel Clementino Monteiro de Faria, ficou envolto pelas brumas do passado, perseguido pelo feroz bicho do esquecimento... No entanto, a nossa existência tem muitos mistérios e entre esses mistérios está a magia da memória... E foi movido por essa magia que Pery Lamartine, encomendou ao artista plástico Ery Medeiros um busto do coronel Clementino feito em cimento. Infelizmente o tempo de Pery na peleja desse mundo foi abreviado, negando ao mesmo o direito de

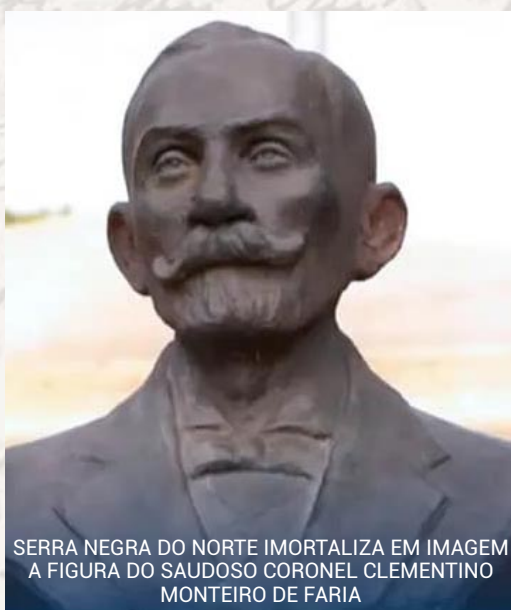
receber a encomenda... O dito busto ficou esquecido em um canto do ateliê do artista, até ser resgatado por seu trineto, Octávio Lamartine que com sua veia parcimoniosa e justa, traços da sua personalidade que herdou do trisavô, resgatou o busto para devolvê-lo ao seu lugar de direito. O ilustre filho a casa torna!

A Associação Sertão Raiz Seridó (ASRS) em parceria com a Prefeitura Municipal de Serra Negra realizam o ato que inaugura o busto do Coronel Clementino Monteiro de Faria na Praça

Senador Dinarte de Medeiros Mariz, que fique pelos tempos vindouros. A partir de então, o ilustre filho de Serra Negra não será somente uma memória oralizada, terá uma nova forma física não mais de carne e ossos, mas de cimento, sugerindo fortaleza e longevidade.

A Associação Sertão Raiz Seridó (ASRS), tem como princípio básico preservar e propagar a rica cultura sertanejo-seridoense. Que essa boa ação possa reverberar em todos os cantos do sertão do Seridó, ensinando as futuras gerações de seridoenses a juntar e a preservar, impressões, bons sentimentos e lembranças...

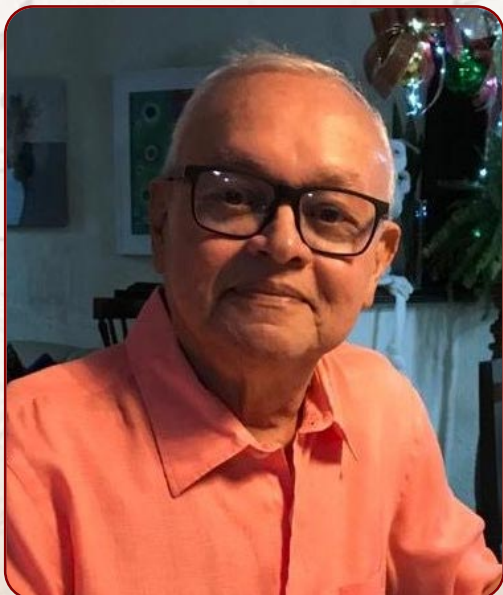
Viva a cultura sertanejo-seridoense!
Viva a memória preservada!
Viva o sertão de todos nós!



SERRA NEGRA DO NORTE IMORTALIZA EM IMAGEM A FIGURA DO SAUDOSO CORONEL CLEMENTINO MONTEIRO DE FARIA

BIBLIOGRAFIA

Walclei de Araújo Azevedo, seridoense, nascido em Currais Novos no ano de 1969. Residiu em Cruzeta (terra-mãe adotiva) até meados da década de 1990, quando foi morar em Natal. Iniciou-se na área literária em 2009, com a publicação do livro, Fatos Pitorescos de Cruzeta. É também autor dos livros: José Augusto e o ABC das Oligarquias (2011), primeira edição, segunda edição revista e atualizada (2015), Podres Poderes: política e repressão (2013); Pétalas de Vida (2014) e Um Tempo e Suas Lembranças (2021). É Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com pós-graduação em História do Brasil pela Universidade Potiguar. Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Leciona na Escola Estadual Professor José Fernandes Machado.



Vicente Vitoriano

Professor, artista visual, cantor, crítico de arte e curador de artes

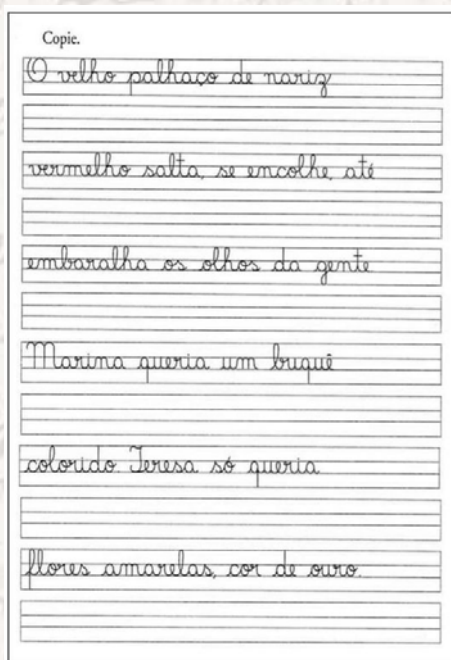
Viagem mnemônica à infância do artista

I - Dentro de casa

5 em apoio documental e contando apenas com a memória nem sempre camarada, as notas a seguir procuram registrar situações vividas em minha infância que, certamente, tiveram ou têm relevância para a minha formação artística. Estas notas não seguem uma sequência cronológica, mas os eventos relatados se distribuíram em, talvez, meus primeiros dez anos de vida. Para os artistas que vão lê-las, espero ensejar exercícios de rememoração que possam, como para mim, ajudar a reconstituir trajetórias, reconstituição esta que é básica para o autocohecimento e para o redesenho das escolhas estéticas e técnicas que fazemos em nossas atuações presentes. Para os que não são artistas, quero chamar a atenção para como são importantes quaisquer tipos de estímulo que possam ser dados às crianças, não necessariamente associadas às práticas artísticas. Em relação a estas, é bom lembrar que, na escola, há um momento em que as atividades com materiais artísticos sofrem um decréscimo abrupto e, estimular a permanência do desenhar, principalmente, é absolutamente crucial para o contínuo desenvolvimento de habilidades físicas e intelectuais.

Começo a minha viagem focalizando um labor que é de puro desenho: a escrita. Neste item, lembro que, já alfabetizado por minha irmã e babá Adelaide que, infelizmente já nos deixou, fui levado à prática da caligrafia, usando aqueles cadernos com textos escritos no alto das páginas que procuravam apresentar o maior número de maiúsculas e minúsculas e que deveríamos copiar até ao final da página. Acho que eu fazia aquilo sem enfado, talvez compreendendo que era algo que me beneficiaria como qualquer coisa associada à escola e aos estudos. Não sei se ao mesmo tempo, ou em algum tempo depois, passei a admirar meu pai escrevendo e a sua bela caligrafia. Meu pai, de profissão marceneiro, com poucos anos de escola, não sei como havia se tornado contabilista fiscal, preenchia páginas e páginas de anotações com listas de textos e números. Ele me deixava ficar ali ao lado, vendo seu trabalho, enquanto ouvíamos o rádio transmitindo a Rádio Jornal do Comércio (“Pernambuco falando para o mundo!”), a BBC de Londres e, claro, as nossas Rádio Tapuyo e Rádio Difusora – leitores! Eu estava em Mosoró! Meu pai, de nome José Victor e muito conhecido como Zé Bedel, escrevia uma cursiva inclinada para a direita que tentei imitar durante um tempo, depois do qual passei a abandonar suas soluções gráficas, em geral, e escrever na vertical. No entanto, mantive até hoje a finalização de sua assinatura, tanto no “Vitoriano”, quanto no “Carvalho”, com um “o” arrematado por uma linha que desce bem abaixo da baliza da escrita.

Como falei de meu pai, falo agora de minha mãe. Aqui, a minha lembrança não remete rigorosamente ao desenho ou ao grafismo, mas a um trabalho manual que envolvia recorte e colagem que são, ao fim, dese-



nho mesmo. Talvez esta seja situação mais antiga entre as que estou comentando... Eu gostava muito de fazer barulho, batendo em tudo que lembrasse um tambor. Anoto que moramos numa casa que ficava relativamente perto do Tiro de Guerra 07-010 e os aspirantes a reservistas – nós os chamávamos soldados, passavam em ordem unida, ritmada por uma fanfarrinha tonitruante que, a todo custo, eu tentava imitar nos meus batuques. Minha mãe, para salvaguardar suas panelas e bacias, dispôs-se a me ensinar a fazer um tambor. Disto se entende que a zoadinha não era a sua

preocupação. O processo constava de, inicialmente, eliminar o tampo de uma lata de biscoitos, usando um abridor de latas, e rebater alguma rebarba para evitar arranhões ou cortes. Isto feito, era o momento de fabricar o “couro”. Para isto, precisávamos de sacos de pão de papel *craft* bem resistente, um grude (cola) feito de farinha de mandioca (ou de goma, araruta) e cordão. Recortavam-se discos de papel que eram montados na lata, amarrando-os com cordão. Já depois do

primeiro disco preso, este era pincelado com a cola. Depois de seco, vinham outros discos para repetir o processo, até que tivéssemos um som desejável. Hoje, talvez possamos chamar este processo de papietagem. Um brinquedo destes não tem preço! E não perguntem o que eu usava como baquetas, pois não me lembro.



Uma atividade de recorte e colagem, bem mais próxima do desenho propriamente dito, era a confecção de bonecos de papel. Eu os fazia com e para minha irmã Áurea, imediatamente mais velha do eu. Havíamos “tirado a ideia” de uma revista Sesinho (de SESI) que viera com uma espécie de encarte em que havia a imagem de uma me-

nina, uma boneca em traje de banho, e de roupinhas que representavam diferentes países. Impressas num papel mais pesado, devíamos recortar as figuras para vestir a boneca e mudar sua nacionalidade – lembro bem do chapéu e da guarda de mãos e pulsos da vestimenta russa... As roupinhas eram dotadas de umas abas que auxiliavam a pendurá-las nos ombros da boneca. Abas parecidas também saíam da imagem dos pés da boneca e que serviam para colocá-la em pé. A brincadeira nos levou a querer mais figuras para vestir e animar. Inicialmente, usamos figuras das revistas de moda de minha irmã Antônia, que era costureira e professora de corte e costura no SESI - daí o acesso à revista infantil Sesinho que nos chegava mensalmente. Na época, os modelos nas revistas de moda não eram fotografias, mas desenhos que recortávamos e colávamos num papelão ou cartolina. Em pouco tempo, tínhamos um bom grupo de bonecas e, acho que culminando esta brincadeira, passamos a desenhar, pintar e recortar as roupinhas, criando verdadeiros guarda-roupas.

Intermezzo – Comentário de Áurea Marques de Carvalho recebido durante o processo de construção deste texto.

“Lembro também que fazia os móveis da casinha de bonecas com caixas de fósforos vazias. Era maravilhoso. A gente tinha tempo de brincar, estudar e fazer estripolias naquela casa da Dionísio Filgueira. Lembro que no terraço havia um muro mais ou menos baixo e a gente subia pra cima de casa. Era o máximo.”

Já comentei em anterior exercício de memória como eu costumava observar atividades feitas por adultos e como a sistematização necessária para realizá-las apontava para o trabalho artístico, inclusive para a projeção em arquitetura. Foram particularmente significativas as ações pertinentes ao corte e costura e ao bordado, habilidades de minhas irmãs

Antônia, aqui já citada, e Albaniza (*in memoriam*) – todos tínhamos apelidos em nossa casa e estas irmãs eram respectivamente, Teté e Babai. Durante um certo tempo, antes de que elas se casassem, eu tive a oportunidade de observá-las em seus trabalhos, creio que diariamente. Para a costura, tudo começava com a tomada de medidas das clientes que eram anotadas para orientar o desenho dos moldes, verdadeiramente um desenho geométrico com régua-guias de vários tipos e, hoje sei, lápis dermatográficos. Depois, estirar os tecidos e colocar sobre os mesmos os “moldes”,

para a costura, e os “riscos”, para os bordados, a fim de transferir as formas, eram procedimentos preparatórios que dariam origem às roupas e às peças bordadas. Estas, em geral, eram camisolas, fronhas, lençóis, toalhas que comporiam o enxoval de alguma cliente, mas também eram golas, palas e punhos que fariam parte de roupas. O processo de emendar partes de uma roupa tinha uma dinâmica muito especial que envolvia a coordenação das mãos e dos pés na utilização da máquina Singer, usada para costurar e bordar, tam-

bém. Os dois procedimentos implicavam um desenho de linhas físicas, cujas direções ora retas, ora curvas, demandavam atenção e muita precisão, habilidades que logo entendi como fundamentais para o desenho e a pintura artísticos. O bordado, a mais de tudo, era um exercício para mim exploratório de cores (assunto para um próximo apanhado de memórias), que tinha um acessório, o bastidor, um par de argolas usado pela bordadeira para esticar o tecido, suporte para o trabalho. Em meio às névoas da memória, chega-me que eu pegava as argolas e as fazia de “carrinho”, empurrando-as com as mãos ou com o auxílio de um lápis ou outro tipo de haste. Esta minha brincadeira, diga-se, não se dava sem repreensões e, talvez, puxões de orelha e “cocorotes”.





Adriano Gray

Artista gráfico e escritor, mestre em ciências sociais pela UFRN



Inclina-te à janela,
Cabelo-de-ouro!
Te ouvi cantando
Ária encantadora.

Não abro mais o livro;
Olho a distância
A chama pelo chão
Na sua dança.

Deixei meu aposento,
Minha leitura,
Te ouvi cantando pela
Sombra escura,

Cantando sempre
Ária encantadora;
Inclina-te à janela,
Cabelo-de-ouro!

James Joyce

Música de Câmara

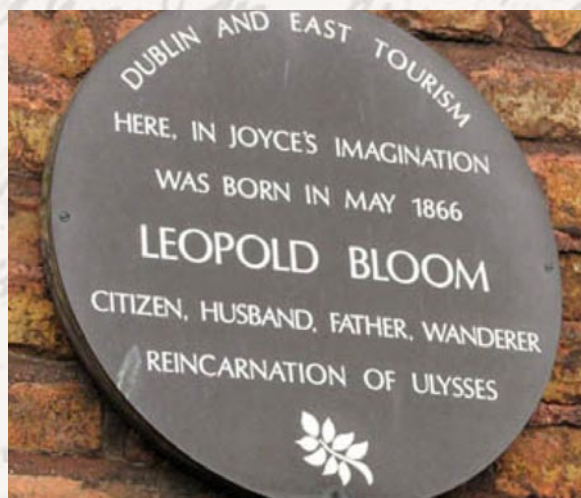
Quando em frente de ti serei eterno, disse o poeta, a musa surge com seus cabelos dourados e fissa o olhar com seus passos de nuvem e rastros de fogo. O rodopio embriagado de sensações, prazer e delírio na sua dança, em meio a música das esferas. Me sinto encantado por esse ritmo, pela beleza dos seus movimentos, perco mesmo a minha razão, tal canto de sereias. Sou atraído inevitavelmente para esse fim. Por entre as sombras do seu leito esconde-se o encanto das suas formas, de algum modo procuro realizar esse encontro, meu destino e desejo final. Com a edição de Música de Câmara o jovem James Joyce decide após algumas tentativas frustradas fazer a sua iniciação poética através de um livro que expressa sentimentos simples e delicados, com esmero e técnica, celebrando a união sagrada entre a música e a poesia.





James Augustine Aloysius Joyce

James Augustine Aloysius Joyce nasceu em 2 de fevereiro de 1882, o mais velho dos dez filhos de John Stanislaus Joyce (1849-1931), na casa de seus avós paternos no número 44 da Brighton Square, situada na hoje extinta comensalidade de Terenure. Mesmo passando a maior parte de sua vida adulta no exterior, toda a sua obra, inclusive poética foi escrita tendo a sua pátria irlandesa como objeto de paixão e crítica. As suas ruas, praças e igrejas, as pessoas simples do povo, são retratados através do sentimento e da memória dos dias vividos que estão presentes nas páginas de livros como o Retrato do Artista Quando Jovem ou Dublinenses. A sensibilidade de Joyce o fez despertar para uma nova percepção de realidade, unindo as suas experiências e lembranças do passado em um valioso sentimento artístico fielmente transposto na sua própria concep-



ção epifânica de mundo.

Após duas coletâneas destruídas pelo autor, Música de Câmera constitui no seu primeiro livro editado em 1907 voltando a publicação de poesia somente vinte anos depois e já escritor consagrado, com o livro Pomes Por Um Peni (Pomes Pennyeach). Mesmo não recebendo uma recepção muito acalorada do público, seus poemas receberam críticas positivas de autores importantes como Ezra Pound que o identifica como um expoente do imagismo e do poeta Yeats. Esses seus primeiros escritos poéticos se dão sobre o pano de fundo da chamada Renascença Céltica, que representou um movimento de renovação literária na Irlanda buscando a valorização do sentimento nacionalista irlandês com o apuro técnico do Esteticismo que

predominava na época, tendo como seu principal representante o próprio Yeats.



Soem, harpas invisais, a louvar
Amor, no incadescer da estrada aérea,
quando a luz suave apaga-se e verbera,
sutil, suave música lá no ar
que desce nesta esfera.

Música de Câmara compõe de 36 poemas numerados e sequenciados segundo uma lógica narrativa que evocava através de uma ordem musical o relacionamento do autor, da descoberta ao seu término, com a jovem Mary Sheehy, seu primeiro interesse romântico. Essa ordem estava estabelecida como allegretto, andante, contabile e nosso, sendo a escolha dessa sequência sugerida pelo irmão de Joyce, Stanislaus um dos seus principais confidentes e organizador da sua obra.



O velho piano toca uma ária
calmo, vagaroso, animado;
ela se inclina às teclas amarelas,
a frente pende desse lado.

O gosto poético de Joyce conciliava as várias vertentes da literatura europeia do século 19, tendo uma inclinação pela poesia elisabetana, pelo simbolismo de Verlaine, o apuro estético de Oscar Wilde e pelo vocabulário arcaico, de versos intimistas mesmo já introduzindo de maneira ainda tímida o uso de neologismos que seriam tão marcantes em sua obra posterior em prosa. São poemas pensados em serem musicados, de acordo com o pedido do próprio autor ao músico irlandês Geoffrey Palmer, na tradição das canções elisabetanas. Não obstante a essas influências, Joyce considerava que seus poemas eram simples, aproximando-se da musicalidade das canções populares e não estavam ligados a nenhuma escola ou tendência poética. Esse seu afastamento se observa através de um tom de ironia e sarcasmo em que Joyce exerce uma crítica aos poetas da sua época. O seu início na poesia estabelece um gracioso contraponto ao tecer um virtuosismo técnico de imagens e versos ao mesmo tempo que faz uma desconstrução destas formas poéticas tão caras aos movimentos literários da época.





Isaura Rosado

*professora aposentada da UFERSA, imortal da ANL, gestora cultural, mestre em educação pela UFCE, Doutora pela Universidade de Salamanca, colecionadora de arte potiguar, pesquisadora e autora de livros e catálogos relacionados à arte potiguar.

Raul de Natal - I

“Vim encontrar o menino que brincava nas ruas de Natal, vim para me vestir de infância”, disse Raul Gomes Pedroza à Tribuna do Norte, na ocasião em que participou do I Encontro de Escritores Norte Rio-grandense, organizado pelos então secretário de Educação, Grimaldi Ribeiro e o diretor de cultura, Afonso Laurentino. E, instigado pelo repórter que perguntou se ele havia efetivamente encontrado a criança, Raul respondeu: “Encontrei-o e levo comigo, no meu coração e na minha cabeça. É uma maneira de remoeçar”.

Era dezembro de 1961 e o teatrólogo, escritor, jornalista, artista plástico Raul Pedroza, ou “Raul de Natal” - como costumava assinar sua coluna no Jornal do Brasil - não sabia ainda, mas aquela seria a última visita à sua terra e à de seus pais. Meses depois, já em 1962, faleceu de “mau súbito” aos 70 anos, tendo sido sepultado no Cemitério de São João Batista, RJ.

Filho de Fabrício Gomes Pedroza e Isabel Cândida Albuquerque Maranhão Pedroza, era sobrinho dos governadores Pedro Velho, Alberto Maranhão, bem como parente, por parte da esposa, do também governador Tavares de Lira. Como se não bastasse, era sobrinho do inventor Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, pertencendo, portanto, à uma das famílias de maior importância econômica, social e política do Estado.

Digo isso para situar você, leitor, com os antecedentes de Raul Pedroza, que fez sua estrela brilhar não no campo da política, mais sim no universo das letras e das artes.

Raul Pedroza, tio do governador Sílvio Pedroza diz que foi alertado pelo sobrinho sobre as belas praias que margeavam o Rio Grande do Norte. E deslumbrado, Raul alude com sua poesia ainda na entrevista da Tribuna: “(são) praias de



RIO. Desta feita, daqui do Estado, os colecionadores Manoel Onofre, Aristotelina, Antonio Marquês, eu mesma, dentre outros, pudemos conhecer e até arrematar alguns trabalhos.

Vale destacar que parte do acervo dos Pedroza foi gentilmente doado pela advogada Bibiane Curvelo e Celso LR Paiva, organizador do Leilão Relicário para a Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar, a partir de uma articulação minha e da gentileza e sensibilidade do sr. Edmundo Aires e seus filhos, que foram os responsáveis por transportar duas toneladas de documentos e livros com destino à Natal. Seu Edmundo entendeu a importância dessa documentação

areias alvíssimas, umas, mais morenas, outras, são como deusas deitadas à margem do oceano que as vem namorar”

Raul foi educado em Pau, uma comuna francesa que fica na região dos Pireneus Atlânticos, na região da Nova Aquitânia na França. E, depois, foi viver no Rio de Janeiro. Na capital brasileira da época, cursou Belas Artes e foi onde conheceu a pintora Olga Mary Pedroza, com quem se casou e com quem teve duas filhas: Mizabel e Marília Pedroza, ambas já falecidas. Esta última deixou como descendentes de Raul, sete filhos, quem teve com o médico Hélio Agnaga.

Na condição de artista, Raul Pedroza tornou-se verbete na “Bíblia do Artista Potiguar”, o Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Norte de Dorian Gray Caldas e no Dicionário das Artes Plásticas do Brasil (1969) de Roberto Pontual. Não participa dos catálogos das obras de arte pertencentes ao estado do Rio Grande do Norte, editado em 2016, nem do virtual de 2022.

Fato é que até bem pouco tempo a única obra que eu conhecia de Raul era LE CHOMEUR, adquirida num leilão e que integra a Coleção Isaura Amelia sob o N. 746, pag 96 do Catalogo.

Neste ano de 2023, com a venda do apartamento da Rua Senador Vergueiro do RJ, onde morou Raul e depois, a filha Mizabel, leilado para pagar dívidas de Impostos e taxas, muitas obras dos Pedroza estão sendo oferecidas pelo LEILAO RELICÁ-

para o Estado e a empresa L’Auto transportou, como cortesia, do Rio de Janeiro até aqui.

Encerramos, portanto, nossa primeira conversa. Nas próximas, falaremos sobre Olga Mary Pedroza, da filha do casal, pintora e gravadora Mizabel Pedroza e do seu marido, Francisco Xavier.

Também exporemos os diálogos e parcerias para organização do acervo com o diretor da Fundação José Augusto, Gilson Mathias, bem como com o professor Raimundo Nonato, do Departamento de História da UFRN, com a ANRL e com o IHGRN. Vamos dialogar sobre técnicas, estilo, exposições nacionais e internacionais, presença em museus, crítica e comercialização.





Jacqueline A Finkelstein

ex-Diretora do MIAN (Museu Internacional de Arte Naif do Brasil)

“
Querer recriar uma nova nomenclatura para a já existente, naif, é querer deletar a história da arte moderna
”



Heitor dos Prazeres

NAIF

Após a leitura da matéria, sobre a importante mostra no CCBB dedicada ao mestre Heitor dos Prazeres, eu, como ex diretora do Museu Internacional de Arte Naif (MIAN), venho aqui, manifestar minha posição a respeito do termo naif.

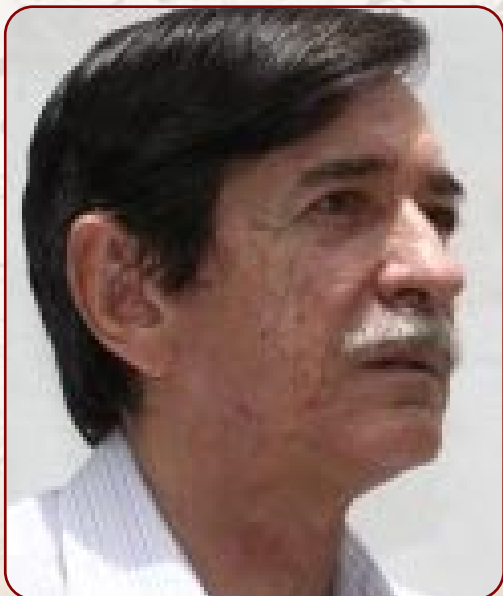
O artista naif é autodidata e possui total liberdade de expressão, não segue tendências nem modismos, não necessita de formação acadêmica, cria seu próprio estilo e, às vezes, técnicas próprias. Ele retrata o seu cotidiano, sua crença religiosa, as festas populares, defende veementemente a salvaguarda da natureza, faz críticas e denuncia tudo o que lhe incomoda. São artistas atuais, modernos, contemporâneos, alguns profissionais de sucesso, outros aposentados de



suas carreiras, outros do povo e, muitas vezes, nada ingênuos como o termo francês os define. Sua arte é única e expressa o seu universo criativo. Não produz em série e poucos passaram suas técnicas e maneiras de pintar para seus sucessores, o que os diferencia do artista popular.

Querer recriar uma nova nomenclatura para a já existente, naïf, é querer deletar a história da arte moderna, apagar a obra de Henri Rousseau, o aduaneiro, que deu origem ao termo, por ser ele um ingênuo, e pintar de maneira única e totalmente diferente de todos os outros grandes mestres, que então buscavam um novo recomeço para as artes. A palavra naïf é utilizada para expressar essa maneira própria de pintar, ou bordar, ou esculpir, e não deprecia ou desonra a arte feita por esses artistas. O que realmente os incomoda, e muito, é a discriminação que vem ocorrendo, de curadores, que insistem em não admitir a palavra naïf, que tão bem os define, não como ingênuos, como seria a tradução literal da palavra do francês, mas como autodidatas, livres, intuitivos, únicos, assim como Rousseau se apresentou ao mundo, no início do século XIX, estabelecendo essa maneira de pintar.





Carlos Alberto Josuá Costa

Engenheiro Civil, Escritor, Membro da Academia Macaibense de Letras

Uma curiosa mesa redonda

Retirei aleatoriamente cinco livros da estante e, colocando marcadores entre páginas não intencionalmente escolhidas, passei a realizar um desejo, digamos, um tanto ousado.

Com isso, minha esperança era fazer um jogo filosófico a partir da pergunta que a mim fazia toda vez que me deparava com muitos livros: O que seus autores (não presentes) conversam entre si?

Para esse exercício criei um cenário fantasioso, onde todos eles (os autores) estivessem numa grande mesa-redonda, já expressando seus “dizeres” quando me agregaria em meio à conversa.

Afinal não conhecia a pauta e nem alguns deles, que facilitassem a minha intrometida inserção. Teria que, aos poucos, ir me adaptando ao assunto apenas pelos ditos e contraditos, com respeito merecido a cada um ali assentado.

Não, eu não poderia participar do “debate”, pois não seria ouvido.

Fui registrando o que cada um deles dizia. Confesso que em boa parte da conversa entre eles, fiquei sem elementos de ligação ao ‘poliglotismo’ ali reinante.

–Você também quer fazer parte dessa “mesa-redonda”? Queira sentar-se.

Senti-me surpreso, pois não esperava essa deferência por apenas curiar, supostamente, como eles, nos seus escritos, se entenderiam.

-Permita-me apresentar-lhe os participantes:

– Pedro Chagas Freitas (escritor português, que se titula como “um gajo que escreve cenas”). Está aqui pelo livro “Prometo Falhar”.

– Frei Elias Vella (Franciscano conventual, teólogo nascido na baía de Saint Paul, em Malta). Pelo livro “O Líder de Fé”.

– Joseph Chilton Pearce (americano de Pineville, Kentucky, EUA, consultor de educadores e agências governamentais). Pelo livro “O Fim da Evolução”.

– Geraldine Brooks (nascida em Sidney, Austrália, jornalista com coberturas em guerras e conflitos). Pelo livro “As Memórias do Livro”.

– Raimondo Scotto (médico italiano, dedicado ao universo da família). Pelo livro “O Amor tem Mil Faces”.

Pronto, todos anunciados, vamos ao que cada um “disse” em arranjos de letras e retalhos de sentimentos:

“O problema dos humanos é, quase sempre, não confiar no que Deus quer. E preferir agarrar com as duas mãos tudo aquilo que podem agarrar, tentar limitar estragos, reduzi-los ao mínimo possível. Os humanos criaram um Deus em que não acreditam, em que só acreditam em desespero, ...” (Pedro Chagas)

“O verdadeiro líder não é aquele que pensa ser a síntese de todos os carismas, como se todos os carismas se achassem agrupados nele, mas é aquele que tem o carisma da síntese.” (Frei Elias)

“Ao atingir o mesmo grau de hipnose, o par se viu numa praia maravilhosa, de espuma transparente e rochas de cristal, ao som de um coro celestial.” (Joseph Chilton)

“Todos foram muito gentis, trazendo-me comida e até mesmo me abraçando. Não estou acostumada a

ser abraçada.” (Geraldine)

“Um determinado modo de olhar ou de sorrir, um tom de voz especial, um comportamento corporal, um silêncio inesperado têm às vezes, a capacidade de comunicar um tipo particular de mensagem, muito mais que uma infinidade de palavras.” (Raimondo)

Ao final da “conversa” cada um foi se retirando e ocupando seus lugares na prateleira das emoções escritas e, de posse dos anotados, fiz-me reflexivo, ten-



tando entender o recado de cada um, ao tempo que fiquei imaginando: Será que eles se entenderam?!

Terei um tempo maior para, nos devaneios da ociosidade, lembrar o que cada um “disse” e tirar lições que animem meu pensar.

Conseguirei?

Não sei... esses mestres, em poucas ou muitas palavras, sempre traduzem vivências e ensinamentos.

E fora da mesa-redonda estamos nos entendendo ou estamos sem paciência para buscar nas entrelinhas alguma reflexão?



O ITC - Instituto Totem cultural vem promovendo desde sua criação há 15 anos, o voluntariado, a arte e a cultura. Ele tem por objetivo, individualmente ou em associação com outras entidades: identificar e promover a produção cultural e artística brasileira, fomentando sua diversidade, e intercâmbio com outras culturas.

O evento reúne mais de 200 obras de artistas das 5 regiões brasileiras e internacionais, nos encantando em conservar e restaurar a fauna, a flora e a manter viva nossas heranças ancestrais, como as congadas, benzedeadas, festas juninas, catiras, moda de viola...

Exposição e catálogo on line, acesse:
totemcultural.org.br/expo

Mostra Internacional Totem das Cores

artistas nacionais e internacionais nos encantando em conservar e restaurar a fauna, a flora e a manter viva nossas heranças ancestrais

A **“Mostra Internacional Totem das Cores”**, realizada pelo ITC, Instituto Totem Cultural, dentro das comemorações dos seus 15 anos, aconteceu com entrada gratuita no Museu Municipal de Socorro no interior do Estado de São Paulo, um município singular, que adota com maestria o conceito de Cittaslow, cidade do bem viver, proporcionando uma experiência única de vivência mais próxima do tempo, da natureza e da diversidade cultural brasileira.

A **Mostra apresenta mais de 200 obras** de artistas das cinco regiões brasileiras e internacionais de países como Portugal, França, Itália, Uruguai, México, Cuba, Bulgária, entre outros. São pinturas, colagens, desenhos, aquarelas, fotografias, videoarte, gravuras, esculturas, modelagem, bordados, nhanduti, costuras, e instalação. A ex-



Abertura MITC 2023



Visitas monitoradas MITC 2023



Visitas monitoradas MITC 2023

posição aconteceu presencialmente entre setembro e outubro 2023, e também pode ser visitada virtualmente no site totemcultural.org.br/expo

A “**Mostra Internacional Totem das Cores**” nasceu com a proposta de fomentar as artes visuais brasileiras em geral e a arte naïf em particular, por meio de um espaço de valorização, difusão e circulação de sua produção e seu intercâmbio com outras estéticas e culturas. Os artistas que participam da Mostra foram selecionados por meio de edital público, ao lado deles temos artistas convidados nacionais e internacionais.

“A Mostra veio para gerar reflexões em torno das obras apresentadas, que nesta edição inaugural retratam o bioma da Mata Atlântica, considerado um dos mais ricos do planeta, onde Socorro-SP está inserida. Além de exaltar sua beleza e exuberância, elas alertam para a necessidade não só de contermos o desmatamento, mas também de provocarmos a conservação e a restauração florestal; de preservarmos as áreas ciliares às margens de rios, ribeirões, lagos, e olhos d’água; colaborando paralelamente com a biodiversidade de sua rica fauna.», diz Marinilda Boulay uma das curadoras da exposição ao lado de Lina Bandiera e Oscar D’Ambrosio.

“Além da natureza exuberante, Socorro (onde a Mostra acontece) também possui uma riqueza cultural notável. Os costumes e tradições locais são retratados com delicadeza e respeito nas obras expostas nesta mostra. Os artistas capturaram a essência das festividades, danças tradicionais e culinária típica, transmitindo aos espectadores a sensação de estarem imersos na identidade cultural desta cidade encantadora.», afirma Lina Bandiera.

“O raciocínio percorre curvas que trazem uma Socorro plástica que, ao mesmo tempo, é uma cidade contemporânea, mas também recorda as suas heranças. Isso inclui expressões da natureza e expressões do sagrado de onde deriva o nome do município. Não há limites nesse percurso que apresenta encorajadoras visões de mundo.” conclui Oscar D’Ambrosio.

Na presença de artistas, autoridades, crianças e público em geral a abertura da Mostra foi uma grande festa de todas as cores! Ela se estendeu do dia 1º ao 4 de setembro, com oficinas gratuitas de desenho, assemblage, cerâmica, paperclay, mosaico e contação de história para diferentes públicos, ministradas pelas artistas Sandra Scavassa, Marinilda Boulay, Selma Bombachini, Shila Joaquim e Luka Fagundes. Projeções de videoarte, grafite, cortejo da congada, performance pelo Coletivo Ubuntu, e shows como o do grande acordeonista Toninho Ferragutti, também fizeram parte da programação. Ao longo da exposição foi realizado um importante projeto educativo com visitas monitoradas e novas oficinas, com a criação de obras coletivas.

A próxima edição da Mostra Internacional Totem das Cores já está marcada para setembro do próximo ano. Os artistas poderão se inscrever para participar entre 3 de abril e 6 de junho 2024, através do site totemcultural.org.br/expo.

Realização ITC, Instituto Totem Cultural

Com realização do Prefeitura Municipal de Socorro-SP através das suas Secretarias da Cultura, e a do Turismo, COMUPC, Conselho Municipal de Políticas Culturais, a **"Mostra Internacional Totem das Cores"** nasce pelas mãos do Instituto Totem Cultural, que há 15 anos vem promovendo o voluntariado a arte e a cultura em Socorro-SP. Pela excelência de suas ações desenvolve, ao lado de seus parceiros, projetos premiados em torno das artes visuais, da cultura tradicional, da música e audiovisual ou ainda do universo editorial. O "Salão Paulista de Arte Naïf", a mostra "Naïfs modernistas contemporâneos, atemporais"; projetos de fomento à cultura caipira do interior do Estado de São Paulo como: "Benzedeiras, tradição milenar de cura pela fé", "Congada nas Escolas", "Fitas e Flores" entre outros de inegável relevância, justificam os prêmios recebidos e o sólido apoio que mantém de organismos institucionais a nível local, nacional e internacional.

O ITC realiza a **"Mostra Internacional Totem das Cores"** em parceria com o ICA, Instituto Cultu-



Projeções de videoarte na abertura da MITC 2023, realizadas pelo artista Acacio Pereira



Expo MITC 23



Expo MITC 23

ral e Arte, e o **EMACS, Encontro de Música & Artes do Conservatório de Socorro-SP**, fazendo parte da sua programação. Os dois eventos somaram forças, potencializando a consolidação, a valorização e a difusão da cultura, da arte e dos artistas.

Prêmios

A comissão de curadoria da MITC, **Mostra Internacional Totem das Cores 2023** composta por Oscar D'Ambrosio, Lina Bandiera e Marinilda Boulay, concedeu alguns prêmios honoríficos sem natureza financeira aos artistas participando: como o "**Prêmio José Peretto**" para o grande artista Giba Ilhabela, caçara que mora atualmente em Fortaleza (CE). O nome do prêmio corresponde a uma homenagem ao artista plástico socorresse de origem italiana José Peretto, responsável pela primeira exposição de artes visuais da cidade em 1937. **Prêmio exposição individual**, para Andréa Guim (RJ) e Marcos Melhado (SP). **Prêmio conjunto da obra** para Albina Santos (MT); **Incentivadores da arte** para Angela Gomes (ES), Sid Cirilo de Sá (SP) e Valter Poletini (SP). "**Menções Honrosas**": Rodrigo Silva (SP); Rosa Mc (RN); Alice Quadrado (SP); Gerson Lima (BA) e Rimaro (MT); **Prêmio Notório Saber**: Tania de Maya Pedrosa (CE). O Coletivo Ubuntu de São Mateus (ES), recebeu "**Menção incentivo**" pela obra em cerâmica apresentada na Mostra, e por promover a união dos artistas, resgatando o valor da comunidade também na produção cultural. O Coletivo Ubuntu é formado por Christie Trancoso, Gabriel Oliveira, Jefferson Pessoa, Niko Solare, Rafael Antunes, Renan Fink, e Shila Joaquim.



Visitas monitoradas MITC 2023



Visitas monitoradas MITC 2023

ARTISTAS PARTICIPANDO

Acácio Pereira; Ada Colorina; Adriano Gambim Rocha; Alejandro Pinzón; Alfredo Neves; Alice Falanga; Albina Santos; Alice Masiero; Alice Quadrado; Altamira Borges; Amanda Ferreira; Ana Silva; Ana Maria Reis; Andréa Espíndula; Andréa Guim; Andréa Teixeira; Ângela Gomes; Araka; Arias; Arivanio; Augusto Pellatieri Belluzzo Gonçalves; Ângela Rosa; Ariane Krelling; Ateliê Valéria Rage; AZLEMP (Elza Mendes Pereira); Bebeth; Beto Furlan; Bibi Ferragutti; Bruno França; Carmela Pereira; Carminha; Cavalin; Célia Gondim; Chantal Le Pape; Cibele Pilla; Clara Belon; Clara de Ro; Claudia Seber; Clau do Embu_Mãos de Barro; Coletivo Ubuntu (Christie Trancoso, Gabriel Oliveira, Jefferson Pessoa, Niko Solare, Rafael Antunes, Renan Fink, Shila Joaquim.); Córa Azêdo; Cristina Soares; Cuca Jorge; CW; Dai Lemos; Dani Machado; Dani Vitorio; Débora Amaral; Délcio Lauretti; Denise Faro; Dilsão; Dimitri Lee; E. Pereira; Edilson Araújo; Edna Alves; Eliana Martins; Eli Barcelos; Emma Bianchini; Eni Llis; Enzo Ferrara; Ermelinda; Eros; Fabiano Nadim; Felícia Vigil; Fernanda Azevedo; Françoise Leboulenger; Gê Guevara; Gerson Lima; Giba Ilhabela; Gil Santana; Gigi Morene; Graciete Borges; Helena Rodrigues; Hélcio Moura; Helton Sousa; Henrique Vieira Filho; Henry Vitor; Irma; Isa Baah; Isa do Rosário; Jair Lemos; J.H.Britto; João Bosco; KNIFF; Jaque Carvalho; João Generoso; Joilson Pontes; Lena; Leti Martin; Liberal Hashimura; Lica Cruz; Lídia Franciscone; Lívia Passos; Lu Maia; Lubov Toteva; Lucas Lambert; Luis el Estudante; Luiz Valdo; Luka Fagundes; Marc Bernard; Marcelo Lopes; Mar-Vieira; Márcia Francisco; Márcia Nunes; Marilene Gomes; Marcos Melhado; Maria Edna Sgavioli; Maria Tereza; Maria Tereza Niero; Marinilda Boulay; Marli Bertoleto de Ro; Maurício Ferreira; Mel Bertucci; Meire Sambo; Michelle Diehl; Mônica Versiani; Miren Edurne; Neide Alves; NeoBrasil; Olinda Evangelista; Paidaslomba; Parisina Ribeiro; Patrícia Helney; Paulo Cardoso; Paulo Dud; Prisca Lobjoy; Rafel Antunes; Regina Bartilotti; Regina Drozina; Regina Puccinelli; Reinaldo Romero; Rimaro; Rodrigo Silva; Rodrigues Lessa; Romário Batista; Ronaldo Moreira; Rosa Mc; Rosane Ker; Rosa Pereira; Rosmarie Reifenrath; Ruy Relbquy; Sandra Scavassa; Sebastião Valente; Selma Bombachini; Sidnei Cirilo de Sá; Sidney Nofal; Sílvia Valente; Stephanie Faria; Stevenson Mochini; Tania de Maya Pedrosa; TheaM; Tiago Faria; Ulysses Farias; Utopia Surreal; Valdeck de Garanhuns; Valtavares; Valter Poletini; Vânia Cardoso; Vânia Furlan; Vidak; Willi de Carvalho; Zé.



Alex Gurgel

Fotógrafo, jornalista e professor de fotografia



Caçuá de Luz, Galinhos RN, Verônica Torres

Exposição Fotográfica “Da Brisa à Caatinga”

Uma jornada fotográfica do litoral ao sertão do Rio Grande do Norte



Atlântida do Nordeste, Barragem Armando Ribeiro, São Rafael RN, José Adail

Fizem que o cinema é a soma de todas as artes. Os fotógrafos do Poty Fotoclube, nessa exposição coletiva intitulada “**Da Brisa à Caatinga**”, provam que a fotografia contém cinema, poesia, pintura, artes plásticas, teatro, literatura... As fotografias feitas em solo potiguar são as sínteses de todas as artes.

O Poty Fotoclube, em sua primeira exposição coletiva, apresentou em 15 fotografias, instantes eternizados das paisagens, da cultura e do povo do Rio Grande do Norte, para deleite dos amantes da nossa terra. A abertura da exposição fotográfica aconteceu no Espaço Cultural Bardallo's, entre os dias 17 de agosto de 2023. A mostra fez parte das comemorações do Dia da Fotografia, celebrada no mundo inteiro no dia 19 de agosto.

Nos últimos dois anos, os membros do Poty Fotoclube percorreram mais de mil quilômetros em solo potiguar em busca de imagens que variam do chão rachado pela estiagem no sertão às paisagens marinhas capturadas no extenso litoral do RN, sem esquecer o vigor da paisagem humana e a beleza da cultural norterio-grandenses.

O Fotoclube é formado por um grupo de amigos que têm a fotografia como atividade artística e/ou profissional



Frutos da resistência,
Tangará RN,
Noélia Alves



Niemeyer no espelho, Parque da
Cidade, Natal RN, Delson Cursino

e que resolveram explorar esta arte intensa e artisticamente, sobretudo nos finais de semana, quando todos preparam as suas câmeras e lentes e se aventuram em busca de imagens singulares. “Essa exposição é o resultado dos nossos estudos individuais e coletivos, em que procuramos a melhor luz, um ângulo diferenciado do cotidiano”, disse o presidente do Poty Fotoclube, Delson Cursino.

A exposição fotográfica “Da Brisa à Caatinga - uma jornada fotográfica do litoral ao sertão do Rio Grande do

Norte” traz um olhar sensível dos membros do fotoclube sobre paisagens contrastantes e personagens que povoam o nosso RN. A exposição ficará em cartaz até o mês de setembro e espera a visita de todos aqueles que apreciam a arte fotográfica e o nosso estado.

O Poty Foto Clube convida para partilhar a sua primeira exposição! Os fotoclubistas estão ansiosos para mostrar este belo trabalho coletivo, que pode ser visto pelas redes sociais: @potyfotoclube



Os resquícios do
silêncio, Pendências RN,
Alberth Klinsmann



Entardecer dourado
no Potengi, Natal
RN, Severino Neto



Serena harmonia, Barra de
Cunhaú RN, Sônia Macêdo



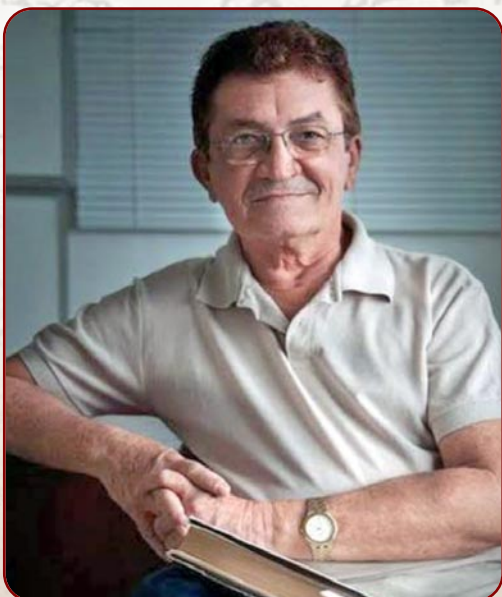
Peregrinos do
Impossível, Santa
Cruz RN, Marcos
Cavalcanti



Reconexão, Praia de Areia Preta,
Natal RN, Máurison Silva

Fotógrafos Participantes da Exposição

Alberth Klinsmann	José Adail Barros	Máurison Silva
Alex Gurgel	Jussier Lourenço	Noélia Alves
Delson Cursino	Karl Leite	Severino Neto
Eleonora Marques	Marcio Gomes	Sônia Macêdo
Flávio Rezende	Marcos Cavalcanti	Verônica Torres



Iaperi Araújo

Médico, escritor e artista. Da Academia Nort-rio-grandense de Letras, Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

O cangaço vira arte



O fenômeno do cangaço no Brasil, principalmente no período de Virgulino Ferreira, Lampião (1918-1940) sempre inspirou intelectuais e artistas por representar um movimento de revolta das classes mais humildes contra o coronelismo reinante no semiárido brasileiro.

Escritores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Luís da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Verissimo de Melo, Juvenal e Oswaldo Lamartine, Raimundo Nonato e até Guimarães Rosa, na literatura e Aldemir Martins, Poty Lazarotto, Newton Navarro Manoel Perigo Neto, Severino Borges, Jô Oliveira, Luis Elson, Aucides Sales, Caribé, Azol, Dorian Gray, Iaperi Araújo, Roberto Medeiros, Sante Scaldaféri, nas artes plásticas.

Os potiguares não poderiam ser diferentes. Patu, no Rio Grande do Norte foi terra natal do cangaceiro Jesuíno Brilhante (1844) e o Seridó recebeu várias sortidas dos cangaceiros de Antonio Silvino (1913-1914), principalmente a região de fronteira com a Paraíba. Entretanto, o que mais marcou o povo, os intelectuais e os artistas foi a aventura guerreira de Lampião e seus cangaceiros a Mossoró em 13 de junho de 1927, tramada na fazenda de Izaias Arruda em Aurora, CE por uma associação com Massilon Leite, potiguar que já praticava alguns crime no oeste potiguar.

A aventura para subjugar Mossoró terminou em derrota, com mais de 10 mortos do lado dos bandoleiros incluindo-se os cangaceiros Jararaca e Colchete mortos dentro da cidade.

Mossoró há mais de 90 anos festeja sua resistência. Poucas cidades enfrentaram uma horda de cangaceiros bem municiados e afeitos às lutas e embates com a Polícia e as volantes e conseguiram rechaçá-los. Mossoró não se rendeu às lorotas e a empáfia dos assaltantes.

A resistência juntou-se ao sentimento atávico de lutas e liberdades de Mossoró: A revolta das mulheres com Ana Floriano rasgando os editais de convocação forçada dos rapazes para a guerra do Paraguai; a libertação dos escravos antes da Lei Áurea e o primeiro voto feminino. Tudo celebrado sem esquecimento com festas, músicas e alegrias. Afinal o culto à história está



arraizado na cultura mossoroense.

Para celebrar os 90 anos desse episódio mais dramático da história do bravo povo do oeste potiguar, o Governo do Estado, a Fundação José Augusto e a Sociedade Amigos da Pinacoteca, junto com as instituições públicas e culturais de Mossoró promoveram uma série de ações comemorativas, com palestras, exposições de parte do documentário “Chapéu estrelado”, debates, julgamento simulado de Jararaca e o II Salão Dorian Gray de Arte Potiguar que na versão daquele ano obedeceram como temática principal a resistência mossoroense aos cangaceiros de Lampião.

Foram mais de 100 artistas que atenderam ao chamado do Edital que apresentaram mais de 250 obras a serem selecionadas. Todas essas obras apresentaram uma visão particular do cangaço, numa grande variedade de estilos e visões, tornando o pesadelo real que foi o ataque dos cangaceiros a Mossoró, nos sonhos da criação artística.

Assim, o cangaço virou arte. Noventa anos depois, as cores e as formas se entrelaçaram na maior diversidade de estilos possíveis de se juntar numa exposição.

O II Salão é testemunha irreal de todos os sentimentos do povo, percebidos pelos artistas nas histórias que ainda são contadas por onde os cangaceiros passaram



NAVEGANTES *Espaço Literário*

Adriano Caldas
Organizador

Fiat Lux

Era uma vez o escuro,
e fez-se a luz,
a tênue luz de um candeeiro,
então questioneei:
_ Mal se divulga um vulto?
O candeeiro flamejou:
_ Para quem está no breu
qualquer lampejo é alumbramento.

(José Inácio Vieira de Melo)

A espera

É noite, e eu a consumir as estrelas,
Você chega, com seus olhos de tocha,
Me arrocha, eu não resisto e viajo na sua estrada, no seu ser,
A espera chegou ao fim, vamos cavalgar até amanhecer,
Imagino que desta vez não terá despedida.
Mas uma vez estou enganada, de novo é aberta a ferida,
Adormeço, e quando o dia raiou, meu cavaleiro já viajou.
Fico aqui e quando me dou conta, a noite já chegou.

(Sá José)

Todas as meninas

Eram tantas as meninas
a suburbana e a chique
a da praia e a da piscina
a com franja, a de aplique

a do cinema, a da cantina
a da viagem de arrebite
a do CA de Medicina
a santinha, a do chilique

a do beijo de nicotina
a do cheiro de alambique
a que veio da Argentina
a outra de Moçambique

a loirinha adrenalina
a morena tremelique
a maluquete grã-fina
e a recatada hippie

num tempo de paixonite
de balada nordestina
foi um rock beat-nick
foram tantas as meninas.

(Alex Medeiros)





Certas mulheres catam coisas pequeninas
conchas, feijões, letras
outras distraem-se nos espelhos
contam rugas
algumas contam nuvens
criam cachorros e gatos como crianças
certas mulheres guardam mágoas
ressentimentos, botões, elásticos
algumas são como certos homens
não contam nada
ocupadas com coisas incontáveis

(Diva Cunha)

A casa

Aqui é a Casa.
Seja bem-vindo.
Descanse os pés.
Recolha as asas.

Verde tesouro
de água silente,
a mão em concha
é bebedouro.



Menino lindo,
ragazza de ouro,
pegue seu corpo
e ligue à alma

De terra e ar
é feita a Casa.
Use seus pés.
Conserve as asas.

(Homero Homem)

Amor

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão! Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu! Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!



Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração! E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

(Álvares de Azevedo)





Manoel Onofre Neto

Promotor de Justiça. Colecionador e Curador de Arte

Exposição Chão dos Simples

Texto curatorial

As dos Santos

” As meninas dos Santos punham em rebuliço o casarão do seu pai, Prof. Sizenando dos Santos, nos tempos áureos da pacata cidade de Serra Nova. Levavam a vida em saraus, reunidas as cinco na sala da frente com Mariquinha, a caçula, no meio, tocando violão. Modinhas saíam, então, de suas bocas e ganhavam docemente a noite da rua. (...) O sino bate azul-profundo, grave, grave. Daqui a pouco passará Mariquinha dos Santos, riscando o quadro da praça com o seu vestido preto na direção da igreja.”



IVANISE. 50cm x 60cm



Manoel Onofre Jr. 60 x 50cm



SÁVIO, 65cm x 50cm

A Primeira Feira de José

“José, filho de um morador da Lagoa, vibrou nos seus treze anos, quando recebeu consentimento de ir sozinho à feira de Umarizal. Até então esperava todo santo dia pela realização do seu sonho, sonhado muitas vezes na garupa do cavalo, a caminho de tantas feiras junto ao pai. Justo, portanto, o assoviar feliz pelas caatingas em direção à vilazinha. Quem o visse assim, solto pelos caminhos, havia de notar nos olhos dele o horizonte. (...) Feira e zoada. Gente entrançando pelas bancas, comprando, vendendo ou simplesmente vadiando.”



Dorian Gray, 135cm x 165cm



Assis marinho, 30cm x 24cm



Levi Bulhões, 60cm x 100cm

Joca

“(...) Joca termina a tiragem do leite, solta as reses, bezerros para um lado, vacas para o outro, e retorna, cauteloso, com o balde de leite na mão. Vê-se na face rude do homem, bem nas rugas da testa e

no olhar, certa angústia. Serve há muito ao Coronel Sinhô, com quem partilhou das brincadeiras infantis, num tempo já muito distante. Para ele faz de tudo, desde o cuidar das vacas até emboscadas, em que tira a vida de muito inimigo do patrão, com tiro certoiro.



Newton Navarro, 32cm x 23cm



Ângela Almeida. 32cm x 23cm



Francisco Eduardo. 35cm x 25cm



José Estelo, 50cm x 60cm

A Cruviana

“Embalado no trote de Pachola, Chicão de Tina avistou, de tardezinha, uma casa branca alpendrada na beira do caminho. E como vinha cansado de viagem, decidi pedir pousada. Então, acochou esporas no alazão e encaminhou-se a meio galope na direção da casa vista. (...) Madrugada, Chicão acordou com uns ruídos estranhos no terreiro. O primeiro pensamento que lhe ocorreu foi: a cruviana!”



Dilson Oliveira, 150cm x 192cm

Inocência

“(...) Inocência, hoje, é sacristão da matriz. Um dia desses, completou 35 janeiros, mas parece bem mais velho. Vive da igreja para a casa paroquial, onde Padre Anselmo lhe arrumou um quartinho para morar, depois que a mãe do pobre morreu. “Tipo estranho, esse.” – dizem as beatas, com quem ele implica e fica enticando. Como bom solteirão, e ainda por cima donzelo, Inocência leva vida regrada: ninguém o vê nas ruas, a não ser em dias de procissão, quando se mostra inexecidível na manutenção da disciplina entre os meninos da Cruzada Eucarística (“Olhem o alinhamento, olhem o alinhamento!”). O resto do tempo, já se sabe: igreja e sacristia.”



Leopoldo Nelson, 72cm x 60cm



Valderedo, 80cm x 60cm

De volta ao Ninho

“(...) Choramingando baixinho, De Lurdes arrumava seus trastes na malinha de madeira, enquanto não lhe saía da cabeça aquela imagem que tinha visto no livrinho do catecismo: o anjo Gabriel (ou seria Rafael?) apontando com uma espada a saída do paraíso para Adão e Eva. Pegou a mala, veio vindo, com andar e olhos de cão escorraçado. Passou em frente à velha, cabeça baixa. Olhou para o gato e o vaso de crótons. Na porta da rua voltou-se:

- A bença, madrinha.
- Maldição pra esse fruto do mal.
- Madrinha fala assim porque não sabe o que é bom.

Então, a velha não se conteve e berrou aquela palavra que nunca tivera coragem de pronunciar:

- Rapariga!”

O Destino e seu Tintim

“Naquele dia amanheceu chovendo em Água Branca. Chuvinha, neblina. Por causa disto Seu Tintim acordou mais tarde que de costume. Seu despertador era o galo do terreiro e este, enganado pela chuva, havia cantado fora de hora. (...) Pegando a enxada no canto de sempre, colocou-a ao ombro e saiu de casa, rumo do roçado. Aquele ritual repetia-se, diariamente, nos meses de inverno. Então era preciso estar sempre de enxada nas mãos, limpando o mato que, com as chuvas, crescia ligeiro, pulava.”

André Barros está concluindo a obra dele.

A Mão de Pau

“Sujeito esquisito, Chico Mariano - era voz geral em Serra Nova. Mas, todos o estimavam. Baixinho, magro, sempre vestido na roupa de mescla azul, e cara-de-pau, segundo uma expressão local. Isto equivale a dizer que um tronco de pereiro seria, talvez, mais expressivo que a sua face.



Fabio Eduardo, 32cm x 27cm



Etelânio, 80cm x 60cm



Renato Monte, 42cm x 30cm

Artes e Tribulações de um Cigano em Umarizal

“(...) Nestas alturas apareceu na fazenda um cigano, com seu bando, tangendo lote de burros e cavalos velhos. O nome desse cigano era João Garcia. Ele ia indo para Umarizal, ver se negociava aqueles animais.

Quando avistou a casa-grande de Seu Chico Antão, resolveu pedir arrancho:

– Ô de casa!”



Joto, 100cm x 70cm



Arthuri, 120cm x 170cm

A Bestinha de Antonino

“(...) Sucede que um barbatão vinha pondo em alvoroço as vizinhanças da propriedade de Antonino. O touro, criado no mato, longe de mourão e curral, pulava cerca de roçado e chifrava quem encontrasse. Muitos vaqueiros de fama já haviam corrido atrás dele, sem resultados. O bicho tinha parte com o diabo, furava o mato numa carreira que não havia cavalo que acompanhasse.”

De Como Dr. Aristóteles não se Casou

“A princípio ninguém deu crédito ao boato de que Dr. Aristóteles e Mocinha de Altiva iam se casar. Só podia ser invenção de Quitéria Velha ou de quem não tinha o que fazer. Pois casar como? se não houvera namoro e noivado? (...) Como já foi visto, Mocinha, uma das organizadoras dos festejos, comandava a barraca do cordão encarnado. Aqui outro parêntese explicativo. As barracas realizadas durante a



Carlos Sérgio, 80cm x 100cm

festa, eram sempre duas: azul e encarnado. O povo, desde o mais insignificante pé-rapado até as damas da sociedade, dividia-se



Arruda Sales, 35cm x 49cm

por aqueles dois partidos. Rivalidade que, às vezes, passava da simples troca de piadas e gracejos para a troca de bofetões.”

Marco Polo

“Seu Marco tem trinta anos como funcionário público. Todo este tempo, a mesma rotina: o birô na sala de trás do Departamento de Classificação, a conversa com os colegas e vez ou outra, trabalho. (...) Seu Marco aboleta-se na cadeira de palhinha esburacada e, ato contínuo, abre a gaveta do pequeno birô à sua frente. Com pouco, já está na posição costumeira: os cotovelos apoiados na lâmina encardida do birô, sustenta com ambas as mãos uma régua de madeira, virando-a com método e vagar, de norte a sul.”



Francisco Soares, 92cm x 66cm



Thomé, 56cm x 46cm

Seu Manoel do Riachão

“Dia de São José. Sertão seco. No alpendre de sua fazenda Riachão, Seu Manoel perscrutava o céu, enquanto se balançava na rede de varandas. Mas o céu era



Edilson Araújo, 40cm x 50cm

poucas nuvens passeando sob o azul. Era o diabo. Se não chovesse naquele dia, seca na certa. O gado ia morrer, o povo do Riachão ia virar retirante. Melhor nem pensar naquilo.”

Dia de Juízo

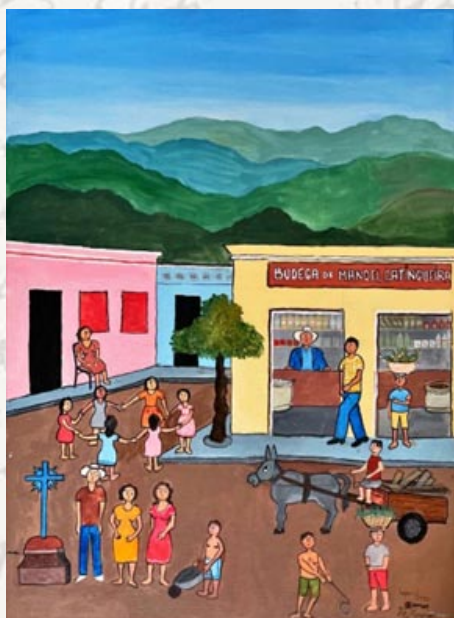
“(…) Corre ali no sertão uma crendice de que, se o padre, na missa da aleluia, não achar a dita aleluia, acontecerá o Juízo Final. “Achar a aleluia”, isto é, ver no missal a palavra símbolo da ressurreição, o que se dá, segundo o ritual católico, logo após a queda do celebrante, a figura deste estendida sobre os degraus do altar, a significar humildade.”



Carlos Gomes, 60cm x 80cm

Manoel da Trempe

(...) Na hora do almoço, Rita vinha servir a mesa dos trabalhadores, e Manoel não despregava os olhos das pernas dela. Ali no sertão era difícil encontrar mulher da idade de Rita que já não fosse casada. Ainda mais com aquelas carnes, aquele jeito de sorrir fazendo covinhas. Justificava-se a paixão de Manoel Catingueira. Mas, não ao ponto em que chegou, como se verá.



Iaperi, 80cm x 60cm



Nilson, 80cm x 60cm

Jesuíno Brilhante

“O bando vinha por uma estrada solitária no rumo da Serra do Martins. Jesuíno contava subir a serra ainda hoje, para ir tirar da cadeia de lá uns protegidos seus. Pino do meidia, poeirão subindo das patas dos cavalos, potopoco, potopoco, potopoco. Xexéu, cabra brincalhão, não se cansava de dizer: “Doze hora e minha barriga não melhora”.”



Azol, 80cm x 70cm



Novenil, 37cm x 47cm

Numa Noite de Debulha

Para Talita

“(...) No terraço da casa de Seu Zeca, o pessoal da vizinhança estava todo ali, debulhando feijão, uns nas redes, outros sentados mesmo no chão de barro batido. A negra velha Francisca contava outra história. Lá de fora, do descampado

da noite, vinha na brisa o cheiro bom dos aguapés. No terreiro o gado dormindo sob a lua, tudo parado, feito pedra. Um silêncio...

(...)

– Era uma vez um menino e uma menina que saíram para caçar ninhos de rolinha, e findaram se perdendo no mato.”



Ery Medeiros, 102cm x 76cm



Zaira Caldas 80cm x 100cm



Carlos Onofre, 70cm x 50cm

Na Boca da Noite

“(…)

– Pois bem. Era uma vez um Rei que tinha uma filha muito formosa e inteligente, chamada Princesa Adivinhona. Esse Rei mandou anunciar que daria a Princesa em casamento a quem trouxesse uma adivinhação que ela não fosse capaz de adivinhar.”



Paixão, 140cm x 90cm

Verdadeira História de Joãozinho e Maria



Herman Gurgel, 40cm x 30cm



Dione Caldas, 47cm x 65cm

“Joãozinho e Maria viviam com a mãe e o padrasto numa casinha da mata. Davam muito trabalho aqueles meninos. Nada melhor para eles do que sujar as paredes, dizer palavrões diante das visitas, estripar o Lunário do padrasto, botar sal em cima dos sapos, amarrar latas velhas no rabo do cachorro, etc., etc.”

Duelo de Titãs

“(…) Certo dia, vinha vindo do açude, quando notei, perto do juazeiro, uma coisa que me intrigou. Era um juazeiro novo que parecia passear entre as outras árvores. Estaria eu sofrendo da vista? Nada. O juazeiro movia-se mesmo. Tinha sido plantado na cabeça de um veado, e ali estava que nem chifres. A culpa era daquele tiro que eu dera carregado com caroços de juá.”



Carlos Onofre, 70cm x 50cm

Bonifácio e as Mulheres



Selma Sá, 49cm x 58cm

“(…) Bonifácio Pé de Ouro tinha um violão, muita brilhantina na cabeleira negra e poucas ideias debaixo desta. Seu apelido lhe viera de outro dom: dançava samba, valsa, xote, baião e até bolero. Por causa disto quase ia sendo linchado em Portalegre. (...) Alta noite, Bonifácio, terminando a partida de sinuca no Bar Ideal, pegava o violão e ia fazer serenata à janela da bem-amada.”



Sonia Jácome, 43cm x 40cm

Marivi

“Marivi era uma das mais desajustadas solteironas de Serra Nova, naquele tempo em que as mulheres, que não casavam, mantinham-se virgens. Nascida e criada na cidadezinha, ela vivera o clímax de sua mocidade longe dali, no Recife. A trepidante vida da metrópole deslumbrava-a.” Não há no mundo lugar melhor para a gente viver” – dizia.”



Flávio Freitas, 80cm x 120cm

Um Sábio

“Para a maioria dos serranovenses ele era um verdadeiro sábio. Na roda de conversa do pé de fícus, ninguém tinha dúvida quanto a isto. Seu Zacarias, o escrivão, frequentador assíduo, afirmava categoricamente:

– Sumidade!

O nome incomum – Efigênio Pompeu – parecia aumentar-lhe a aura de sapiência.”



Selma Sá, 49cm x 58cm

Janduí

(...) Fazia gosto vê-lo na roda de conversa, que frequentávamos, todo sábado à tarde, num boteco do Centro. Era um causeur, falava torrencialmente, e não concedia apartes. (...) Vestia-se de acordo com a última moda, às vezes inovava (lembro-me do seu chapéu panamá), frequentava restaurantes caros, tomava bons vinhos e gostava de dar presentes. E emprestava, sem relutar, algum dinheiro a um amigo mais necessitado, depois esquecia-se de receber o pagamento.”

Fortuna crítica

A Representação do Regional na Obra Chão dos Simples

“No Rio Grande do Norte, a obra Chão dos Simples, do escritor Manoel Onofre Júnior, é uma prova de como o regionalismo se manifesta e de que maneira é revelado, demonstrando a força do sertão nordestino com aspectos marcantes da vida rural em narrativas curtas e bem estruturadas. (...) Os vinte e três contos do livro – vale ressaltar – configuram-se como peças marcadamente regionalistas sem deixar de apresentar caráter universal, pois tratam dos grandes “problemas” que afligem e tocam qualquer ser humano em qualquer lugar do mundo.”

Thiago Gonzaga

Chão dos Simples

“É simples mesmo – bem de acordo com o título do livro o estilo de Manoel Onofre Jr., Não tem rebuscamentos e os experimentalismos de tantos outros escritores contemporâneos. É a honestidade do realismo (realismo este que, no entanto, se impregna também das fantasias e lendas do ambiente dos nossos sertões), até na forma de escrever.”

Anchieta Fernandes



Fernando Gurgel, 120cm x 45cm

Um encontro da arte com a literatura

O livro “Chão dos Simples” apresenta na tessitura do texto fios que nos conduzem a travesseiros dos sertões da ficção e da realidade, do fantástico e mí(s)tico, que traduzem a resistência e vivência de um povo; os cheiros e sabores de lugares que igualmente constroem a trama de vida do escritor, que, com a simplicidade, remete-nos a tempos de sua infância.

A primeira edição do livro completou quarenta anos, nasceu exatamente em 1983. Já foram lançadas quatro edições, recebidas com críticas e declarações efusivas. Também foi adaptado para o teatro pelo artista e diretor Lenício Queiroga (1951-2009) e encenado no Alberto Maranhão. Recebeu, ainda, roteiro para filme pelo cineasta Rui Lopes.

Essa obra multifacetada



Abertura da Exposição Chão dos Simples – Pinacoteca do RN. Foto Canindé Soares

foi apresentada em formato de exposição que aconteceu na Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte de 22 de julho a 06 de agosto, ocasião em que foi proposto um encontro da literatura com as artes visuais po-

tiguares. O entrelaçamento entre as narrativas dos contos e as obras dos artistas foi apresentado como mediador do desejo dos curadores de tocar no âmago das poéticas e, quiçá, transformar cada fio em novas tessituras, que transcendem para imagens e memórias; e que também possibilitasse o nascimento de discursos possíveis, cerzidos com lugares de vida e de afeto.

As obras que compuseram a exposição foram divididas entre as imaginadas e materializadas, a partir de um conto do livro; e aquelas já existentes, que foram selecionadas com a intenção de criar outros enlaces entre a arte e a literatura. Traçou-se, ainda, possibilidades de percursos entre palavras e imagens carregadas de simbologias ou de potências entre o local e o universal, tudo na intenção de que cada visitante tivesse a pos-



Escritor Manoel Onofre Jr, os Curadores Manoel Onofre Neto e Ângela Almeida, o Gestor Cultural Dácio Galvão e Álvaro Dias, Prefeito de Natal. Foto Canindé Soares

sibilidade de pisar no seu próprio “chão dos simples” e ao mesmo tempo viajar na constelação de mundos imaginários e (im)possíveis.

Os seguintes artistas potiguares compuseram a coletiva: Ivanise, Sávio, Dorian Gray, Assis Marinho, Manoel Onofre Júnior, Ângela Almeida, Newton Navarro, Thomé, Dilson Oliveira, Novenil, Valderedo, Leolpoldo Nelson, André Barros, Etelânio, Fábio Eduardo, Francisco Soares, Joto, Arruda Sales, Francisco Eduardo, Carlos Sérgio, Rosa MC, Arthuri, Estelo, Edilson Araújo, Carlos Gomes, Iaperi, Nilson, Azol, Eri Medeiros, Carlos Onofre, Dione Caldas, Fé Córdula, Hermann Gurgel, Levi Bulhões, Zaira Caldas, Túlio Fernandes, Renato Monte, Djalma Paixão, Selma Sá, Flávio Freitas, Sônia Jácome, Jayr Peny,



artista visual Flávio Freitas e o galerista Anchieta Miranda. Foto Canindé Soares

Manxa, Fernando Gurgel, Vicente Vitoriano e Iran.

Aliph, com montagem de Valderedo Nunes e expografia de André Barros.

A curadoria da exposição ficou a cargo de Manoel Onofre Neto e de Ângela Almeida, a produção foi feita por Hudson

Manoel Onofre Neto¹
Ângela Almeida²



Detalhe da exposição – Foto Bebeto Torres



Manoel Onofre Jr, Manoel Onofre Neto e a Professora Isaura Amélia Rosado. Foto Bebeto Torres

¹Manoel Onofre Neto é Colecionador e Curador de arte. Realiza estudos sobre História da Arte, Coleccionismo, Museologia, Restauração e Mercado de Arte. Incentiva e divulga artistas visuais norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

²Ângela Almeida é Professora da UFRN, com formação em Comunicação Social e doutorado em Ciências Sociais. Artista plástica, fotógrafa, curadora, editora e autora de vários livros.

